

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC  
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-  
PPGE  
MESTRADO ACADÊMICO**

**FABÍOLA LETÍCIA SOMMER**

**A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE  
CASTRO E A RELAÇÃO COM OS DOCENTES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE LAGES/SC**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Lages/SC  
2016**



UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE – UNIPLAC  
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-  
PPGE

Fabíola Letícia Sommer

**A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE  
CASTRO E A RELAÇÃO COM OS DOCENTES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE LAGES/SC**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação, da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), sob a orientação da Professora Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez e a coorientadora professora Dra. Maria Selma Grosch.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Maria Selma Grosch

Lages/SC  
2016

### Ficha Catalográfica

S697f Sommer, Fabíola Letícia.  
A função social do Museu Histórico Thiago de Castro e a relação com os docentes do ensino fundamental do município de Lages/SC / Fabíola Letícia Sommer.-- Lages(SC), 2016.  
121 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto Catarinense. Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense.  
Orientadora: Carmen Lúcia Fornari Diez.  
Coorientadora: Maria Selma Grosch.

1. Museus - aspectos educacionais. 2. Museus e escolas - Santa Catarina. 3. Museus - estudo e ensino. I. Diez, Carmen Lúcia Fornari. II. Grosch, Maria Selma. III. Título.

CDD 069

(Elaborada pelo Bibliotecário José Francisco da Silva - CRB-14/570)



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO ACADÊMICO**

**A Função Social do Museu Histórico Thiago de Castro e a Relação com os Docentes do Ensino Fundamental do Município de Lages, SC.**

Dissertação submetida ao colegiado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação – Mestrado Acadêmico em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa Políticas e Processos Formativos em Educação.

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 28/03/2016.**

Orientadora Profa. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez: \_\_\_\_\_

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Selma Grosch: \_\_\_\_\_

Examinadora Externa: Dra. Elizabete Tamanini: \_\_\_\_\_

Examinador Externo: Dr. Geraldo Antônio da Rosa: \_\_\_\_\_

Examinadora Titular: Profa. Dra. Lurdes Caron: \_\_\_\_\_

Examinadora Suplente: Profa. Dra. Lucia Ceccato de Lima: \_\_\_\_\_

**Prof. Dra. Vanice dos Santos**  
**Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação**

**Fabíola Letícia Sommer**  
**Lages, Santa Catarina, março de 2016.**



Ao meu filho Rafael Sommer  
Terezo com muito amor e carinho.  
E a minha querida mamãe Ivoni  
Maria Lauindo pelo apoio,  
incentivo e ajuda espiritual.  
A minha madrinha, Izolde  
Laurindo, pelo incentivo, pela  
ajuda financeira e por acreditar em  
mim.



## AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora Profa. Dra. Carmen Lúcia Fornari Diez, por ter-me orientado e acreditado neste trabalho, razão desta dissertação.

À Professora Dra. Maria Selma Grosch, que me incentivou nos meus estudos e com quem pude dividir minhas angústias e emoções contidas nesta dissertação.

À Professora Dra. Lurdes Caron, que me forneceu importantes e preciosos dados sobre este museu.

À Professora Dra. Elizabete Tamanini, pelas sugestões valiosas, através das quais pude refletir mais profundamente sobre esta dissertação.

Ao Professor Dr. Geraldo Antônio Rosa, pela indicação de importantes referências para este trabalho.

À Coordenadora do museu, senhora Carla de Souza, que autorizou a realizar da melhor forma esta pesquisa e me forneceu os dados necessários para esta dissertação.

Aos meus pais e irmãos por acreditarem em mim.

À minha querida e estimada amiga Sofia R. Hirakuri, minha gratidão.

Aos meus amigos, em especial a Letícia Pereira Secundino e Thiago Henrique Elias Lopes, que tornaram esta caminhada mais leve.

A todos os professores e professoras que participaram desta pesquisa.



No universo da cultura, o museu assume funções das mais diversas e envolventes. Uma vontade de memória seduz as pessoas e as conduz à procura de registros antigos e novos. Levando-as ao campo dos museus, no qual as portas se abrem sempre mais. A museologia é hoje compartilhada com uma prática a serviço da vida. O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha.

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma.

(Carlos Roberto Ferreira Brandão  
Presidente do Instituto Brasileiro  
de Museus)



## RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo o Museu Histórico Thiago de Castro e sua relevância para a educação básica no município de Lages/SC. Para tanto iniciamos com a abordagem sobre as origens da instituição museológica, considerando o seu caráter público e de guardião da Cultura patrimonial de determinada área. Resgatando a história do museu no Brasil e dos Museus da América Latina, elencando, ainda, alguns museus mais importantes do mundo. Para focalizar a função social dos museus, transitamos pelas transformações do século XX. Na sequência, estabelecemos relações entre museu e comunidade, museu e educação, museu e escola, currículo formal e espaços não formais de educação. Continuando, se discute sobre a dimensão pedagógica do museu e da sua vocação a instrumentalizar a extensão cultural. Finalmente, aborda o Museu Histórico Thiago de Castro, suas origens e trajetórias, descrevendo seu acervo e apresentando dados sobre a avaliação dos docentes que o visitam. A presente pesquisa aponta o quanto a visita ao museu pode ser uma atividade integradora, reflexiva e complementar para a educação escolar. Deste modo acredita-se que muitos espaços públicos, como os museus, podem contribuir para a formação de cidadãos mais críticos e cultos.

**Palavras-Chaves:** Cultura. Museu. Museu Thiago de Castro. Ensino, Educação Básica.



## **ABSTRACT**

This dissertation has as the object of study the Thiago de Castro History Museum and its relevance to basic education in Lages municipality, state of Santa Catarina. To this end, it begins with the approach to the origins of the institution of the museum, given its public nature and guardian of Cultural heritage of certain area. It takes into consideration the history of museum in Brazil and museums in Latin America, listing also some important museums in the world. In order to focus on the social function of museums, the transformations of the twentieth century were revisited. After that, the relationships between museum and community, museum and education, museum and school, formal curriculum and non-formal education were examined. Moreover, it discusses the pedagogical dimension of museum and its vocation to instrumentalize cultural extension. Finally, it analyzes the Thiago de Castro History Museum, its origins and trajectories, describing its collection and presenting data on the evaluation of teachers who visit the museum. This research shows how the visits to the museum can be an inclusive, reflective and complementary activity to school education. Thus, it is argued that many public spaces, such as museums, can contribute to the formation of more critical and educated citizens.

Keywords: Culture, museum, Thiago de Castro Museum, education, basic education.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -Gugu Garcia.....	73
Figura 2 - Telefone e Tinteiro.....	74
Figura 3 -Vitrolas e Frascos para Medicamentos .....	74
Figura 4 -Cafeteira e Máquina de Calcular .....	75
Figura 5 - Clarineta, Jogo de chá, Violino, Jogo de Café .....	75
Figura 6 - Alunos em visita ao museu.....	76
Figura 7 - Solenidade de inauguração .....	77
Figura 8 - Exposição 06/01/1962 .....	78
Figura 9- Vista da sede do Museu Histórico de 1962 a 1996.....	78
Figura 10 - Vista da atual sede do Museu .....	79
Figura 11 - Oratórios .....	80
Figura 12 - Luminária a Óleo.....	81
Figura 13 -Telefone, Vitrola, Máquinas Registradoras, Rádio....	81
Figura 14 - Escrivanhinha de contabilidade.....	82
Figura 15 - Mesa (1901-1902) .....	82
Figura 16 - Museu Thiago de Castro, Panfleto e jornal .....	83
Figura 17- Uniforme - traje utilizado em Lages pela banda de música infantil, criada pelo maestro Ademar Ponce. Lages, século XX .....	83
Figura 18 - Exemplo de bordado utilizado como peça de acabamento e eram confeccionados em máquina .....	84
Figura 19 - Botões.....	84
Figura 20 - Colarinhos.....	85
Figura 21 - Punhos.....	85
Figura 22- Capacetes, armas, granadas, balas, morteiros, lanças, espadas.....	86
Figura 23 - Antiga pracinha do Cravo Preto, atual Calçadão João Costa no Calçadão .....	86
Figura 24 - Centro do Quadrante Principal da Cidade .....	87
Figura 25 - Panorâmica da Praça João Ribeiro e extensão da Rua Quinze de Novembro.....	87
Figura 26 - Rua Marechal Deodoro.....	88
Figura 27 - Da Casa de Pasto aos Hotéis .....	88
Figura 28 - Colégio São José (Lages, 1904) .....	89
Figura 29 - Aulas de Música.....	89
Figura 30 - Bandas de Música – Jazz Band .....	90
Figura 31 - Igreja Católica - Lages década de 1940.....	91
Figura 32 - Fazenda Cruz de Malta .....	91

Figura 33 - Biblioteca .....	92
Figura 34 - Exposição "INTERVALOS", de Maria Salette Engels WerlingDomingo, 7 de junho de 2015 .....	93
Figura 35 - Semana de Museus 2015: Museus para uma sociedade sustentável.....	93

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características que diferenciam Escolas e Museus.....	69
--	----



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Quantidade de municípios, segundo número de museus, Brasil, 2010.....	44
Gráfico 2 -Cidades com o maior número de museus, Brasil, 2010.....	45
Gráfico 3 - Número de museus por ano de fundação, Brasil, 2010.....	46
Gráfico 4 - linha temporal do ano de fundação dos museus brasileiros, Brasil, 2010 .....	47
Gráfico 5 - 1ª visita dos docentes ao museu? .....	99
Gráfico 6 - Já acompanhou grupos ao museu?.....	100
Gráfico 7 - Quais são suas considerações em relação ao nosso atendimento? .....	101
Gráfico 8 - Qual a sua avaliação referente às atividades que o Museu Thiago de Castro proporcionou aos seus alunos? .....	102
Gráfico 9 - Em sua opinião, o desenvolvimento da temática utilizada foi:.....	106
Gráfico 10 - A carga horária para o desenvolvimento da atividade foi satisfatória?.....	107
Gráfico 11 - O espaço contribuiu para a realização das atividades? .....	108
Gráfico 12 - Seu nível de satisfação com a atividade realizada? .....	109
Gráfico 13 - Os objetivos que você elencou foram alcançados? .....	110



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de museus nas capitais, nas UFS e porcentagem de concentração de museus nas capitais e no Distrito Federal – (BRASIL, 2010).....	42
--	----



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	25
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	27
2.1 O QUE É MUSEU .....	27
<b>2.1.1 As origens da instituição</b> .....	27
<b>2.1.2 O museu como instituição pública</b> .....	33
<b>2.1.3 Cultura patrimonial</b> .....	35
<b>2.1.4 A história do museu no Brasil</b> .....	37
<b>2.1.5 Museus da América Latina</b> .....	47
<b>2.1.6 Museus mais importantes do mundo</b> .....	51
<b>2.1.7 A função social dos museus</b> .....	58
2.2 AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XX .....	60
<b>2.2.1 Museu e comunidade</b> .....	64
<b>2.2.2 Museu e educação</b> .....	65
2.3 RELAÇÃO MUSEU E ESCOLA .....	66
2.4 CURRÍCULO FORMAL X ESPAÇOS NÃO FORMAIS .....	70
<b>2.4.1 A dimensão pedagógica do museu</b> .....	70
<b>2.4.2 O museu como instrumento de extensão cultural</b> .....	71
2.5 MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE CASTRO .....	73
2.6 A CRIAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE CASTRO .....	76
<b>2.6.1 Acervo do Museu Histórico Thiago de Castro</b> .....	79
2.6.2 Acervo fotográfico .....	86
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	95
4 ANÁLISE DE DADOS .....	97
4.1 ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DOCENTE .....	97
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	115
<b>APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE</b> .....	119
<b>APÊNDICE B - Questionário – Docentes</b> .....	120



## 1 INTRODUÇÃO

Visitar um museu é abrir os horizontes e a possibilidade de dar significado às coisas que nos rodeiam, ao mesmo tempo em que nos desloca para outra cultura, outro tempo outra história. Os museus podem ser considerados espaços de encontros de cultura de várias gerações.

Durante longo tempo, os museus serviram para preservar os registros da memória das classes mais favorecidas e também para disciplinar e controlar o passado, o presente e o futuro das sociedades.

Muito mais do que um espaço de reserva de acervo, hoje os museus são espaços de escolhas, pesquisa conforme definida pelo Comitê Internacional de Museus (ICOM, 2009):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente (ICOM, 2009).

De certo modo os museus nos fascinam eles abrigam a história de nossa humanidade. Estes espaços podem representar a memória, a identidade e a cultura da comunidade onde estão inseridos. Têm como responsabilidade no tempo presente produzir diálogos entre saberes e fazeres do passado e do presente. Podendo sobre tudo promover rupturas significativas e contribuir para que a educação passe a ser compreendida numa dimensão crítica e humanista (TAMANINI, 2015).

Em grande parte, os programas educativos desenvolvidos pelos museus com a rede de ensino não passam de atividades eventuais, ações museológicas de pesquisa, conservação, exposição e documentação em geral, tem sido insuficiente no sentido de fornecer o suporte necessário para a construção de uma nova prática pedagógica.

Neste contexto, é importante apresentar aos docentes e a comunidade de um modo geral o significado de um museu para a constituição da memória social, quando, “novos saberes serão

produzidos pelas relações que ocorrem no âmbito da cultura museal”. (MARANDINO, 2009).

As discussões sobre as relações entre museu/escola é por exemplo, evidenciado pelo debate das especificidades que regem a educação formal e a educação não formal, ou seja, entre as instituições de ensino e os museus, existem múltiplas formas de cooperação e de interação, baseados em casos e modelos diversos de ação educativa proposta pelas instituições e, na medida em que o impacto das ações educativas dos museus não são únicos e nem homogêneos, é importante entender quais as possibilidades e especificidades possíveis dessas ações educativas (COELHO, 2009, p. 15).

Observamos nesse processo de pesquisa que há por parte da esfera pública do município de Lages/SC, estímulos para que os docentes ampliem suas possibilidades pedagógicas com visitas e estudos no Museu Thiago de Castro. Nessa direção tais ações corroboram para que a relação de interface do ensino formal e ensino não formal ampliem as trocas bem como as possibilidades de construção dos caminhos do ensino e aprendizagem, já que ambas instituições lidam com a formação humana

A pesquisa ora apresentada traz de modo exploratório dados e reflexões construídas a partir do trabalho educativo desenvolvido pelo Museu Thiago de Castro em Lages/SC. Para fazer esse estudo realizou-se visitas técnicas, observação de campo, acompanhou-se os trabalhos educativos em muitas ações e como forma de observar o aprendizado do docente para esse contexto, trabalhou-se com entrevistas semi-estruturadas. Assim nosso movimento metodológico seguiu por caminhos documentais, escutas, escritas e observações.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O QUE É MUSEU

Em seu livro “O que é Museu” (1986, p. 8) Marlene Suano apresenta a definição de museu do Conselho Internacional de Museus da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) como “um estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, com vistas a coletar, conservar, estudar, explorar de várias maneiras e, basicamente, exibir para educação e lazer, objetos de ação cultural”.

Contudo, a autora salienta que tal definição tem sofrido algumas alterações, a principal sendo a troca de “objetos de valor cultural” pela expressão “produtos da ação cultural humana”, o que segundo Suano (1986) amplia consideravelmente o campo de atuação do museu.

De acordo com a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2015).

#### 2.1.1 As origens da instituição

O museu ou casa das musas na Grécia era uma instituição de pesquisa, destinada sobre tudo para o estudo e o saber filosófico. As musas segundo a mitologia grega eram filhas de Zeus com Mnemosine, a divindade da memória. As musas que eram donas de memória absoluta e imaginação criativa, com suas danças, músicas e narrativas, ajudavam os homens a esquecer a ansiedade e a tristeza.

Nesta época os museus não tinham qualquer função social nesta época, não era aberto ao público em geral, não havia a função de pesquisa científica. O mouseion era um lugar privilegiado, onde os homens iam para descansar sua mente e se libertar dos problemas. As obras que eram expostas nos *mouseions* tinham como objetivo principal agradecer as divindades (SUANO, 1986, p.9).

Suano (1986, p. 10), salienta que:

O mouseion de Alexandria possuía, além de estátuas e obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos, peles de animais raros, presas de elefantes, pedras e minérios trazidos de terras distantes, etc., e dispunha de biblioteca, anfiteatro, observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico. E entre os grandes trabalhos por ele abordado figuravam um dicionário de mitos, um sumário de pensamento filosófico e um detalhado levantamento sobre todo o conhecimento geográfico de então. A ideia de compilação exaustiva, quase completa, sobre um tema ficou ligada à palavra museu, dispensando mesmo as instalações físicas. Ou seja, compilações sobre diversos temas eram publicados com o nome de museu.

Tem-se também publicado no século XVIII, em Frankfurt, Alemanha, o *Museum Museorum* que se tratava de um elenco de especiarias, em Londres, o *Poetical Museum*, que era uma coleção de poemas. “O *Museum Britannicum*, folheto publicado em 1791, tratava-se de “assuntos elegantes para conversação e coisas curiosas, pitorescas e raras”. (SUANO, 1986, p. 2).

Para a autora, com o correr do tempo, a ideia de compilação exaustiva, quase completa, sobre um tema ficou ligado à palavra ‘museu’, dispensando mesmo as instalações

físicas. Lembra-nos também que o colecionismo<sup>1</sup> mudou de face durante a Idade Média. Já o cristianismo pregava o despojamento pessoal, o desprendimento dos bens materiais supérfluos.

Para Suano (1986, p. 14) “A Igreja passa a ser a principal receptora de doações e forma assim verdadeiros tesouros, o principal tendo sido o ‘tesouro de São Pedro”. Grande força política da época, a Igreja usava seus tesouros para ampliar alianças, formalizar acordos políticos e financiar guerras contra os inimigos do Estado papal. É só no fim da Idade Média que a força de alguns príncipes das cidades-repúblicas italianas começa a se fazer sentir pela formação de tesouros privados.

Seguindo a linha da pesquisadora e autora Marlene Suano (1986, p. 14) são do século XIV, as primeiras coleções principescas de que temos notícias e que chegaram até nós, quer integralmente – transformados em museus – quer esparsas, mas cujo conteúdo está presente em catálogos e elencos do período. Dentre as primeiras as mais notáveis foram as do doge de Veneza, as dos duques de Borgonha, na França, e as do duque de Berry, que enchia seus dezessete castelos com manuscritos, pedras preciosas, relíquias várias, entre as quais um suposto anel de noivado de São José e um dente de leite da “Virgem Maria. Acredita-se também que a:

---

<sup>1</sup> O **coleccionismo** é a prática que as pessoas têm de guardar, organizar, selecionar, trocar e expor diversos itens por categoria, em função de seus interesses pessoais. Em todo o mundo, milhões de coleccionadores organizam as mais diversas coleções de objetos. Dentre os benefícios que a atividade pode trazer para o colecionador, em especial os mais jovens, está o desenvolvimento dos sentidos de classificação e organização, de interação e socialização com outros colecionadores, do poder de negociação, bem como o aumento do repertório cultural acerca do objeto colecionado. Um dos principais estudos recentes sobre o tema foi publicado pelo historiador alemão Philipp Blom, no qual ele avalia o impacto da Revolução Industrial sobre o hábito de colecionar. Um mundo diferente, mais significativo, mais ordenado, pode nos falar a partir de coisas humildes, como sapatos ou garrafas, autógrafos ou primeiras edições, os quais, em seu agradável arranjo, em sua estrutura e variedade, nos falam da beleza, da segurança; e cada objeto que tanto desejamos e, de fato, um atributo daquilo que desejamos.

A formação de coleções de objetos é provavelmente quase tão antiga quanto o homem e, contudo, sempre guardou significados diversos, dependendo do contexto em que se inseria. Estudiosos do colecionismo creem que recolher aqui e ali objetos e coisas seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou então dominar. (SUANO, 1986, p. 20).

Suano comenta que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo e também daquele homem ou sociedade que viveu essa história.

A partir do século III a. C., estátuas e pinturas eram colocadas ao longo dos corredores de edifícios públicos romanos, como termas, os fóruns, as basílicas, etc. Júlio Cesar doou suas coleções ao templo de Vênus Genetrix, e vários outros imperadores seguiram seu exemplo. Essas coleções podiam ser visitadas pelo público comum e algumas coleções particulares também, como o caso do imperador Agripa, que incentivava outros romanos a imitá-lo (SUANO, 1986).

O colecionismo após o século II a.C, entre os romanos ricos se transformava em competição, o imperador Tibério se obrigou a intervir no mercado de objetos como pinturas, esculturas entre outros, pois, os mesmos tiveram seus preços muito elevados. As coleções romanas além de demonstrar riqueza e requinte, eram uma forma de demonstrar o poderio dos romanos sobre os inimigos já conquistados.

Segundo a autora o colecionismo mudou a idade média. Carlos Magno possuía fabulosa coleção de peças antigas da Itália. Tesouros presenteados pelos embaixadores do califa Rarun AL-Rachid, parte do tesouro dos hunos entre outros. Nessa época o encanto dos tesouros era a intocabilidade de certo modo pode-se observar que “de maneira geral, são essas grandes coleções principescas e reais do Renascimento que vão dar origem à instituição ‘museu’ que conhecemos hoje” (SUANO, 1986. p. 22).

Soto (2008, p. 17) nos relata que após a Revolução Francesa começou a se ter acesso a coleções, essas grandes coleções tornaram-se públicas e poderiam agora ser visitadas nos diferentes museus. Contudo a ideia inicial de que o Estado

era o tutor de todo o patrimônio seguia duas direções. A história nacional cujas obras são monumentos; e as instruções que eram consideradas meios de enriquecer o conhecimento das futuras gerações.

No Brasil, o movimento de abertura das instituições museológicas e de suas coleções para o acesso livre da população ocorreu no início do século XX, no contexto das ideias republicanas, do nacionalismo e da ressignificação do passado escravista (SANDER, 2006).

Essas primeiras instituições, de perfil público e nacionalista, fundamentam-se nos ideais teóricos da museologia francesa. Os museus brasileiros começaram a exercer intensamente uma função de preservação e de celebração do patrimônio do passado e dos aspectos simbólicos da cultura nacional, visando unificar o território e contribuir para a centralização do poder, para a valorização de uma idéia de identidade cultural, não de várias identidades culturais. Essa perspectiva teórica fundamentou boa parte do processo de expansão museológica. Os museus multiplicaram-se no mundo inteiro, principalmente nos países de Terceiro Mundo (SANDER, 2006, p.27).

A importância do museu está diretamente ligada a elementos como o tempo, lugar e seus objetos. Para muitos autores a ideia de exposição está ligada a mídia, ou seja, a exposição é uma mídia, diferente da escola e de outras mídias, mesmo que sejam semelhantes (MARANDINO, 2005, p. 88).

Com relação às especificidades pedagógicas dos museus, a questão da brevidade do tempo é destacada, já que este é onipresente na escola. Ao contrário, no museu, apesar do tempo também ser essencial para as estratégias de comunicação, ele é muito breve se considerarmos os minutos que cada visitante concede a um objeto, a um tema, durante uma visita que poderá ser a única de sua vida. Este tempo é determinado tanto pela concepção da exposição como pelo animador/mediador da mesma.

Marandino (2005, p. 90) salienta que:

Outra especificidade do museu seria o lugar, concebido como um trajeto aberto, em oposição ao espaço “fechado” da escola. Nele, o visitante é geralmente voluntário e não fica preso, sendo ‘cativado pela exposição durante seu percurso’, além de ficar rodeado por uma ‘multidão barulhenta e movimentada’. Neste sentido, é importante haver uma preparação dos educadores, dos dispositivos de recepção e de organização do tempo no museu para evitar o possível cansaço comum nessas experiências.

Para Hein (1998, p. 42), compreender as teorias educacionais envolvidas no espaço museal requer o entendimento de dois componentes: uma teoria do conhecimento e uma teoria da aprendizagem. Quanto à teoria do conhecimento, o autor acredita que os museus podem se posicionar em um contínuo entre “conhecimento existente independentemente do aprendiz” e “o conhecimento existe em ideias construídas na mente”. No caso da aprendizagem, ela é o processo que consiste em um acúmulo contínuo de informações, fatos e experiências, onde o resultado final será o conhecimento. Para o autor, essas duas dimensões das teorias educacionais podem ser combinadas, produzindo diferentes posturas em relação à educação.

Marandino (2005, p. 85) realizou uma pesquisa que teve por objetivo uma reflexão sobre a relação entre museu e escola, tomando como referência uma visita, feita a um museu de ciências na cidade do Rio de Janeiro, de uma turma de 8ª série do Ensino Fundamental. Esta atividade pedagógica procurou levar em conta duas perspectivas sobre o papel do museu nesta relação: a da escola e a do próprio museu. A partir das reflexões feitas, com base nesta experiência, assinalou-se alguns elementos considerados fundamentais para o aprofundamento relativo ao tema da relação entre museu e escola.

A pesquisa realizada por Martha contou com visitas expositivas dos alunos de 8 séries ao museu de ciências, a metodologia utilizada foi o planejamento e realização das atividades feitas na escola bem como a utilização de roteiros,

planos de aula, trabalhos dos alunos, levando em consideração os trabalhos realizados na escola após a visita ao museu. Procurou-se analisar alguns temas fundamentais para a discussão do trabalho como, por exemplo: a relação dos alunos com o espaço físico do museu; a relação entre currículo formal e os espaços não-formais; o tema da aprendizagem nesses espaços entre outros.

Pode-se observar que a experiência da visita ao museu, sob o ponto de vista do tema aprendizagem, pôde abrir espaço para a participação de alunos que geralmente não participavam das aulas em sala. Percebeu-se também que, tanto os professores quanto os alunos, foram capazes de estabelecer relações a posteriori entre os conteúdos formais e os temas apresentados nas exposições no museu, sendo assim, é fundamental que se faça um maior número de pesquisas relacionadas à educação nesta área. Por fim o trabalho realizado na escola com a turma de 8 séries procurou, em linhas gerais, reforçar a importância de compreender a construção do conhecimento que ocorre nos museus (MARANDINO, 2001, p.97).

Já Monalise acredita também que muitos espaços públicos não formais, como os museus, podem contribuir para a formação de cidadãos críticos (DA CRUZ, 2010).

O incentivo dado por docentes de todo o Brasil à prática pedagógica fora do ambiente escolar, tem gerado em muitas crianças, jovens e adultos o hábito de visita a espaços como museus, exposições e feiras, principalmente das áreas relacionadas ao campo científico, como ocorre, por exemplo, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, onde grande parte do público visitante é compreendido por famílias, que muitas vezes são incentivadas por seus filhos que visitaram o espaço com suas escolas (DA CRUZ, 2010).

### **2.1.2 O museu como instituição pública**

Segundo Suano (1986, p. 22), foi o Papado, que pela primeira vez abriu suas coleções ao público em 1471, num antiquarium organizado pelo papado Pio VI. E salienta:

A contra-reforma compreendeu perfeitamente o papel da cultura na defesa e preservação da sociedade cristã, tanto assim que com tal objetivo foram criadas, em 1601, por Frederico Borromeo, arcebispo de Milão, a Biblioteca Ambrosiana e a Academia de Belas-Artes. Nesta última Borromeo reuniu incontáveis obras de artes e fez daquilo que chamou seu museum, um centro didático para a produção artística. Ou seja, este museu, visitável por público seletivo, sobre tudo artistas, servia como 'receituário' da estética aprovada pela igreja. (SUANO, 1986, p. 23).

A autora observa que em 1683 foi inaugurado o primeiro museu público europeu, em Oxford Inglaterra. Teve como origem a adoção da coleção do senhor John Tradescin a Elias Asmole, com uma única exigência que o museu fosse da universidade de Oxford (SUANO, 1986, p. 25).

Mas, os museus tanto os da igreja quanto Ashmolean eram bastante restritos. Nas instituições da Igreja só tinham direito, salienta Suano (1986), os convidados especiais como os artistas e a elite governante, enquanto no Ashmolean era reservada a especialistas, estudiosos e estudantes universitário.

Em seu livro "O que é Museu" Suano (1986), observa que a elitização dos visitantes era uma medida preventiva em razão da falta de educação do povo da época, pois chegavam correndo, faziam algazarras, pegavam as peças com as mãos, portanto, não tinham o menor cuidado com as coleções. A autora salienta que, além de estudiosos e artistas, só com expressa autorização de autoridades outras pessoas tinham as portas abertas nos museus.

Já nesse final de século XVII havia algumas galerias de palácios reais que eram abertas à visita. Era o caso, por exemplo da Galeria de Apolo, no Palácio do Louvre, em Paris, aberta, desde 1681, a visitas de artistas e estudantes.

Mas foi a política econômica dos séculos XVI-XVII que gerou uma política educacional e cultural responsável, em parte, pela ampliação do acesso às grandes coleções. A política mercantilista, vigente nesse período, significava, basicamente o acúmulo de divisas nos tesouros nacionais, sobre tudo em forma

de ouro e prata. A importação de obras de arte era vista como escoamento de riquezas perfeitamente evitável caso os artistas nacionais produzissem de forma a contentar o mercado interno. Era necessário, portanto, propiciar-lhes oportunidades de convívio com as obras de arte das coleções reais e criar academias de arte que servissem ao aprendizado e ao crescimento artístico. De fato, por volta de 1730, um ministro dinamarquês Struensee, chegava a afirmar textualmente que “a Academia de Arte é útil ao Estado e às finanças dos reis porque forma artistas que serão menos caros que os estrangeiros”. (SUANO, 1986, p. 25-26).

Conclui Suano (1986, p. 27) que “na realidade, foi somente o movimento revolucionário do final do século XVIII que abriu definitivamente o acesso às grandes coleções, tornando-se efetivamente públicas”.

### **2.1.3 Cultura patrimonial**

Quando se fala em patrimônio também está se falando em experiências humanas, de grupos de pessoas, de culturas e países diferentes, de cultura patrimonial, ou seja, da vida das pessoas.

Segundo Tamanini (2013, entrevista s/p):

Patrimônio é algo que está relacionada à vida das pessoas, tem um caráter científico quando expressada, mas ela trata da vida, trata das experiências, das memórias, das nossas experiências dos saberes e fazeres agrega informações relacionadas a história de cada um, onde mora. O patrimônio em si aborda a vida dos seres humanos, versa a história das pessoas, dos saberes que constituiu ao longo dos anos e dos saberes que as pessoas vêm constituindo, por que o patrimônio tem uma relação direta com a cultura, com as experiências de vida, ele é dinâmico, e se constitui pela vida e com a vida. (TAMANINI, 2013, Entrevista, s/p).

Patrimônio também se remete ao passado, é uma palavra que poderia se dizer contemporânea, se constitui especialmente

no século XIX enquanto conceito mais amplo e geral, dando a ideia que somos possuidores de um passado, um presente e um futuro.

Patrimônio representa de modo geral a ideia de que fazemos parte de um passado de experiências vividas, de uma cultura a qual pertencemos e conhecemos, do que produzimos e o que deixamos para as futuras gerações como experiências vividas, informações para refletir, para questionar, para se espelhar, e se inspirar. Enfim patrimônio nos remete a um mundo em movimento (TAMANINI, 2013, s/p).

Segundo a autora pode-se refletir a ideia de patrimônio sobre várias perspectivas, sobre diferentes olhares. A educação de um modo geral, quando pensada nos remete a educação escolar, ou seja, a sala de aula a escola. A educação tem uma relação direta com as pessoas, hoje a educação enquanto experiência, enquanto perspectiva de acesso ao conhecimento está organizada no espaço escolar, a educação escolar é uma categoria, é um lugar da educação.

A educação não se dá apenas na escola, no espaço escolar, sabe-se que aprendemos no espaço familiar, nas experiências familiares, nas experiências comunitárias, nas experiências culturais, enfim, a educação é uma experiência humana para além do espaço universitário, mais amplo. (TAMANINI, 2013, s/p).

Tratar o patrimônio e a educação como uma possibilidade de formação tem sido uma reflexão que as universidades vêm fazendo, que os espaços museológicos, os espaços culturais, os arquivos, as bibliotecas vêm construindo ao longo do tempo, Há tempos atrás se tinha uma ideia de que o espaço de formação seria o espaço escolar. Hoje se pensa a educação para além dos espaços escolares, como por exemplo, os centros comunitários, em museus entre outros. Pensa-se a experiência como um saber como uma proposta de intervenção do saber e da formação das pessoas. Como por exemplo, a formação da cultura patrimonial em cursos de graduação de pós-graduação.

Tamanini (2013) comenta que a ideia de patrimônio sempre esteve afastada das discussões cotidianas e também do

espaço escolar. As pessoas separam a vida, a experiência da cultura, e a experiência cultural do aprendizado, seja em que ambiente estiver. É evidente que ao longo das últimas décadas esse pensamento vem se modificando vem se pensando em ser humano integrado a uma cultura patrimonial.

Percebe-se uma mudança nesse cenário, então quando se pensa em escola, pensam-se as matrizes curriculares, essencialmente se pensa o ser humano como parte desse processo de ensino que se dá a partir da experiência humana, da aprendizagem, da cultura desse ser humano do processo de ensino e aprendizagem se dá a partir da experiência vivida. (TAMANINI, 2013, s/p).

A autora salienta que o conhecimento escolar, o conhecimento universitário, trata as experiências como se elas não fossem ou não estivessem próximas das pessoas ou como se não fizesse sentido pensar como parte da cultura humana, do patrimônio humano, da herança cultural, do legado cultural. Então mesmo quando se trabalha a escrita, o letramento, a história, matemática, filosofia, geografia se esta trabalhando essencialmente com o patrimônio construído. O significado nas atividades escolares é dissociado da ideia da cultura e do legado e da herança cultural.

É importante que cada vez mais se invista na formação de professores, na profissionalização dos docentes e no espaço de pesquisa. A cultura está intimamente ligada ao processo de aprendizagem para que se possa entender e compreender o significado da multidisciplinariedade, da cultura como tema fundamental neste processo (TAMANINI, 2013, s/p).

#### **2.1.4 A história do museu no Brasil**

Na América do Sul, Suano (1986, p. 32) afirma que os mais antigos museus são o da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro (que teve início em 1815, como Escola Real de Ciências, Artes e Ofício) e o museu Nacional do Rio de Janeiro (criado em 1818 como Museu Real) ambos de iniciativa de D. João VI.

Segundo Tamanini (1994, p. 25):

Na América Latina, os esforços de muitos profissionais como: museólogos, educadores, arqueólogos e diversos especialistas têm permitido o repensar das experiências museológicas, embora a situação dos museus em sua maioria retrata os problemas da realidade instável e de dependência econômica e cultural.

A autora ressalta que os primeiros museus da América Latina criados no século passado, foram fundados pela iniciativa pública. E foram instituições abertas ao público, ou seja, a população mais culta, muitas vezes com a intenção de trazer para a América latina os padrões científicos e culturais das nações colonizadoras. (TAMANINI,1994, p. 18).

Suano (1986, p. 34) comenta que:

A esmagadora maioria dos demais museus brasileiros foram criados a partir dos anos 30 e 40, sempre como iniciativas oficiais. Alguns tiveram tramitação demorada, como o museu da Cidade do Rio de Janeiro, Solicitado e discutido em 1891 e só criado em 1934. O Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro foi criado em 1934 e transferido em 1941 para o Parque da Cidade, na Gávea. O prédio onde está instalado, com vista panorâmica da zona sul da cidade, foi erguido no século XIX e pertenceu ao Marquês de São Vicente e ao Conde de Santa Maria.

Este espaço guarda acervo sobre a cidade do Rio de Janeiro como: mobiliário, numismática, armaria, esculturas, porcelanas, pinturas, gravuras e fotografias. Há obras de artistas consagrados como Visconti, Thomas Ender, Antonio Parreiras, Eduardo de Martino. É considerado por muitos, um dos mais importantes museus do país.

Estes museus conservam até os dias de hoje, a natureza e os animais que viviam ali muito antes do local ser habitado. É um pedaço do passado conservado no presente. Visitando esses

museus o público tem a possibilidade de entrar em contato com plantas e animais extintos, que não existem em nenhuma outra parte do mundo.

“O museu era símbolo de urbanismo, civilização e progresso. Sua conformação original teve por referência os museus europeus, em especial o Muséum National d’Histoire Naturelle de Paris”. (LOPES, 1996, p. 185 apud VALENTE, 2005).

Segundo os dados apresentados por Santos (2004):

No final do século XIX, o Brasil tinha aproximadamente dez museus, e, com exceção do Museu Naval e Oceanógrafo (1868) e do Museu da Academia Nacional de Medicina (1898), todos os demais tinham alguma relação com as práticas classificatórias dos elementos encontrados na natureza. Além do Museu Nacional, os outros dois grandes museus brasileiros eram o Museu Paulista (1895) e o Museu Goeldi (1866). Todos os três foram constituídos como museus de história natural. (BENNETT, 1995, apud SANTOS, 2004, p. 4).

Santos (2004, p. 3) salienta que os museus no Brasil tiveram objetivos diferentes dos demais países latino-americanos após suas independências:

Se houve uma tendência nos países que declaravam a independência das matrizes colonialistas em criar um conjunto de símbolos que lhes dessem autonomia por meio da ruptura radical com a antiga metrópole (...), no Brasil, esses símbolos, criados após a declaração da Independência marcaram a singularidade do Império, ou seja, um novo Estado que não procurava a ruptura radical com Portugal. (...).

“Em países com herança arqueológica pré-colombianas, como México, Peru, Bolívia e Guatemala, museus de arqueologia tornaram-se os mais importantes de cada nação” (SANTOS, 2004, p. 4). A autora destaca ainda, o caráter acadêmico dos

museus de História no Brasil. São muitos os relatos de épocas que mostram esses museus durante o Império, eles estiveram mais voltados para a pesquisa do que para o grande público (SANTOS, 2004, p. 4).

Em 1922, Gustavo Barroso, ao criar o Museu Histórico Nacional, foi responsável pelo estabelecimento de um marco que anunciava uma nova era de museus nacionais no Brasil. O acervo deixava de ser constituído por elementos da natureza e passava a ser de objetos que representassem a história da nação. Esta, entretanto, privilegiou o legado da elite brasileira, assim como seus feitos históricos, mantendo à parte a participação popular. A homenagem à tradição e ao Império serviu também de base ao discurso nacionalista conservador e elitista que Barroso vinha defendendo há alguns anos. Como conseqüência, a grande maioria da população ficou simplesmente do lado de fora do museu (WILLIANS, 2001, p. 149 apud SANTOS, 2004, p. 4).

Em 1922, foi inaugurado no Rio de Janeiro, Brasil o Museu Histórico Nacional (MHN), o primeiro do Gênero no país (BETING, 2012, p.13), tendo Gustavo Barroso como diretor pelos primeiros 35 anos, o MHN constituiu sua coleção (formada por moedas, condecorações, medalhas, uniformes militares, pinturas históricas, documentos e louças brasonadas) seguindo uma lógica de glorificação da história do Brasil por meio da exaltação de feitos militares e heroicos. Segundo Beting (2012, p. 14): “Ao longo dos anos, a coleção foi se diversificando, incluindo temas e objetos voltados para o cotidiano da sociedade. O prédio onde funciona o MHN foi construído em 1762 e conserva suas características originais”.

Segundo, o Cadastro Nacional de Museus (dados de 2010) existem 3.025 unidades museológicas mapeadas no Brasil.

O Sudeste e o Sul do país são as regiões com maior número de unidades museológicas, concentrando cerca de 67% dos museus brasileiros. Os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro aparecem, nessa

ordem, como os que apresentam a quantidade mais elevada de museus.

O Nordeste é a terceira região em quantidade de museus, abrigando aproximadamente 21% do total de Instituições mapeadas. Bahia, Ceará e Pernambuco são os Estados nordestinos que mais se destacam em número de Instituições museológicas.

Na região Norte e Centro-Oeste, estão situados 12% dos museus brasileiros, ressaltando-se que Pará, Amazonas, Goiás e Distrito Federal são unidades federadas, nestas regiões, que detêm os maiores quantitativos. (MUSEUS EM NÚMEROS, 2010, p. 47-51).

A tabela a seguir mostra a presença de museus de forma desigual nas regiões brasileiras.

Tabela 1 - Número de museus nas capitais, nas UFS e porcentagem de concentração de museus nas capitais e no Distrito Federal – (BRASIL, 2010).

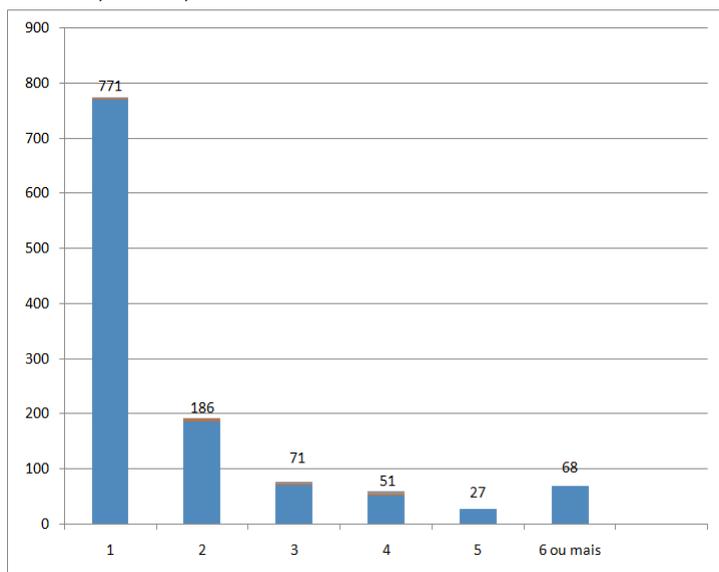
CAPITAL	Nº DE MUSEUS NA CAPITAL	Nº DE MUSEUS NA UF	% DE MUSEUS NAS CAPITALS
<b>BRASIL</b>	<b>923</b>	<b>3.025</b>	<b>30,5</b>
<b>NORTE</b>	<b>87</b>	<b>146</b>	<b>59,6</b>
Porto Velho (RO)	5	15	33,3
Rio Branco (AC)	14	23	60,9
Manaus (AM)	29	41	70,7
Boa Vista (RR)	4	6	66,7
Belém (PA)	26	42	61,9
Macapá (AP)	6	9	66,7
Palmas (TO)	3	10	30,0
<b>NORDESTE</b>	<b>255</b>	<b>632</b>	<b>40,3</b>
São Luis (MA)	17	23	73,9
Terezina (PI)	6	32	18,8
Fortaleza (CE)	31	113	27,4
Natal (RN)	22	65	33,8
João Pessoa (PB)	22	63	34,9
Recife (PE)	44	98	44,9
Maceó (AL)	27	61	44,3
Aracaju (SE)	15	25	60,0
Salvador (BA)	71	152	46,7
<b>SUDESTE</b>	<b>307</b>	<b>1151</b>	<b>26,7</b>
Belo Horizonte (MG)	41	319	12,9
Vitória (ES)	10	61	16,4
Rio de Janeiro (RJ)	124	254	48,8

CAPITAL	Nº DE MUSEUS NA CAPITAL	Nº DE MUSEUS NA UF	% DE MUSEUS NAS CAPITAIS
São Paulo (SP)	132	517	25,5
<b>SUL</b>	<b>161</b>	<b>878</b>	<b>18,3</b>
Curitiba (PR)	70	282	24,8
Florianópolis (SC)	28	199	14,1
Porto Alegre (RS)	63	397	15,9
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>113</b>	<b>218</b>	<b>51,8</b>
Campo Grande (MS)	16	54	29,6
Cuiabá (MT)	20	43	46,5
Goiânia (GO)	17	61	27,9
Distrito Federal (DF)	60	60	100,0

Fonte: Cadastro Nacional de Museus – (IBRAM/MINC, 2010).

Segundo os dados do Cadastro Nacional de Museus (2010, p. 54) dos 5.564 municípios brasileiros, 4.390 (78,9%) não possuem museus e, entre os 1.174 municípios (21,1%) que apresentam instituições museológicas, 1.106 dispõem, no máximo, de cinco museus. Nos 68 municípios restantes, existem seis ou mais instituições, o que evidencia forte assimetria na distribuição de museus no território brasileiro (Gráfico 1).

Gráfico 1 -Quantidade de municípios, segundo número de museus, Brasil, 2010.

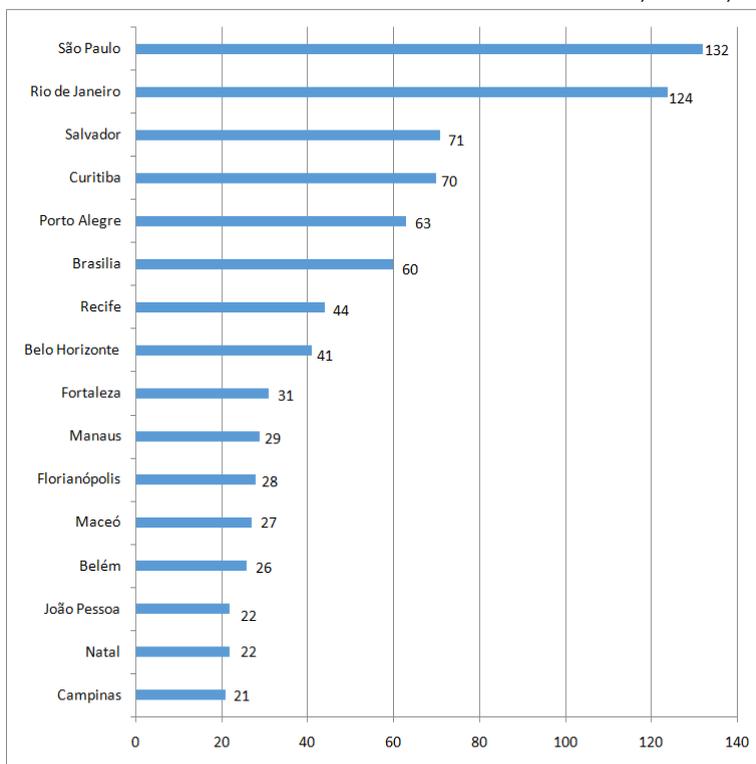


Fonte: Cadastro Nacional de Museus – (IBRAM/MINC, 2010).

Em contraposição aos 771 municípios brasileiros com apenas um museu, cinco municípios concentram 460 instituições museológicas, sendo a cidade de São Paulo o maior expoente, com 132 museus (Gráfico 2).

À exceção de Campinas (SP), com 21 instituições museológicas, todos os demais municípios no grupo dos que possuem o maior número de museus são capitais. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro somam 256 museus, o que representa 8,5% do total existente no país. Nas regiões Norte e Centro-Oeste estão localizadas, respectivamente, 4,8% e 7,2% dos museus brasileiros (MUSEUS EM NÚMEROS, 2010, p. 54).

Gráfico 2 -Cidades com o maior número de museus, Brasil, 2010



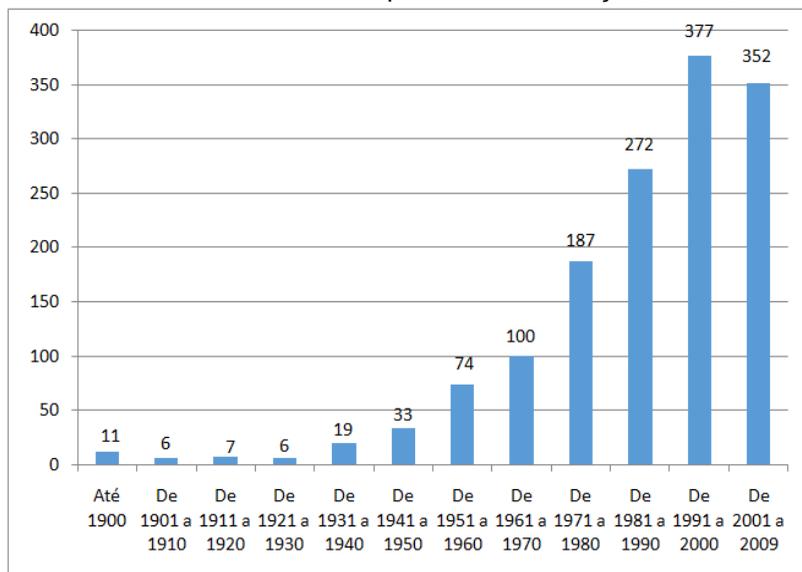
Fonte: Cadastro Nacional de Museus (IBRAM/MINC, 2010).

A desigualdade verificada na dispersão de museus pelo território nacional representa um desafio para as políticas públicas direcionadas ao setor museal. Desafio que o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) busca enfrentar com iniciativas como o Edital Mais Museus, que oferece a municípios, com até 50 mil habitantes e que não possuem instituições museológicas<sup>2</sup>, apoio financeiro para aquisição de equipamentos e mobiliário; elaboração de projetos para execução de obras e serviços; instalação e montagem de exposições; elaboração de projetos museológicos ou museográficos e restauração ou benfeitorias imóveis (MUSEUS EM NÚMEROS, 2010, p. 55).

O Gráfico 3 apresenta informações sobre o ano de início do funcionamento dos museus cadastrados até 2009. Observa-se nos intervalos temporais considerados, um crescimento

expressivo do número de museus inaugurados, sobretudo nas três últimas décadas. Existem, hoje, cinco vezes mais museus no Brasil do que havia na década de 1970 e duas vezes mais que no início da década de 1990.

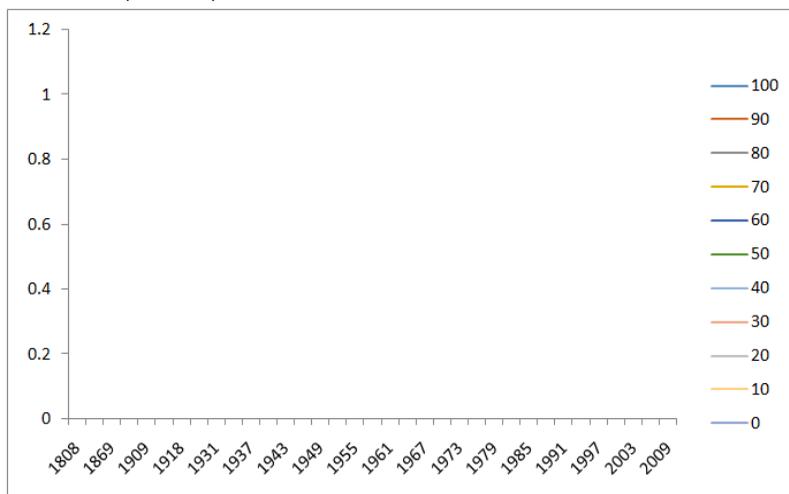
Gráfico 3 - Número de museus por ano de fundação, Brasil, 2010



Fonte: Cadastro Nacional de Museus – IBRAM/MINC (2010).

Em complementação, no Gráfico 4 a criação dos museus brasileiros é apresentada em uma linha temporal.

Gráfico 4 - linha temporal do ano de fundação dos museus brasileiros, Brasil, 2010



Fonte: Cadastro Nacional de Museus – (IBRAM/MINC, 2010).

Nota-se que nem sempre existe uma dinâmica específica no processo de criação, inauguração e abertura das instituições museológicas. Em geral, tais instituições são abertas ao público no período de até um ano após sua criação. Até 1900, há registro de 11 museus criados no Brasil (Gráfico 3 e Quadro 1), sendo que a primeira instituição oficial data de 1818.

### 2.1.5 Museus da América Latina

Os primeiros museus latinos foram criados no século passado. Esses museus foram fundados pela iniciativa pública. Foram abertos à população mais culta da época como as instituições de pesquisa incentivando também os cursos de nível superior, tendo como objetivo “civilizar”, ou seja, de trazer para a América latina os padrões científicos e culturais das nações colonizadoras (TAMANINI, 1994, p. 18).

Segundo a autora, ao final do século XIX e início do século XX, os museus continuam a proliferar-se, desta vez mais organizado e submetida à lógica evolutiva.

#### a) Museu Real

No dia 06 de junho de 1818, foi fundado o Museu Real, com a intenção de "disseminar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Brasil, com muitos objetos dignos de observação e que foram empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes". Para sua sede foi adquirida a residência de João Rodrigues Pereira de Almeida, futuro Barão de Ubá, localizada entre as ruas Nova do Conde e dos Ciganos, atuais Visconde do Rio Branco e da Constituição, na região conhecida como Campo de Santana. A instituição passou por modificações com o passar dos anos permanecendo no local até o ano de 1892. Com o passar dos anos houve a necessidade de algumas ampliações (MUSEUS EM NÚMEROS, 2014, p. 19).

#### b) O Museu Argentino de Ciências Naturais

O museu argentino de ciências naturais teve início a partir do século XIX pouco depois da revolução de maio de 1810, quando o secretário do Primer Triunvirato o senhor Bernardino Rivadavia, estimulou o estudo pelas ciências naturais e pela cultura. A partir do ano de 1812, trabalhou para reunir elementos e fundar o museu de história nacional da capital. Em 1823 Rivadavia também estimulou a ideia do museu nacional de ciências naturais, enquanto ministro do governo e de relações exteriores de Buenos Aires. (MUSEUS EM NÚMEROS, 2014, p. 22).

#### c) Museu Nacional da Colômbia

Museu Nacional de Colômbia é o mais antigo museu do país fundado pelo congresso da república em 28 de julho de 1823, durante quase dois séculos foi consagrado pela conservação e divulgação e testemunhos representativos dos valores culturais e nacionais. Sua sede foi desenhada em 1850 por Thomas Reed e sua construção começou em 1874. Anteriormente o espaço funcionou como presídio até 1946, quando se transferiu para La Picota, depois que passou a ser local onde abrigaria o museu, o mesmo passou por várias reformas em 1976, 1977, 1989 e 2001, e permanece no local até os dias atuais (MUSEUS EM NÚMEROS, 2016, p. 33).

#### d) Museu Nacional de Antropologia (México)

No final do século 18 os documentos e as coleções que pertenciam ao senhor Lorenzo Boturini foram alocados na real pontifícia universidade do México, por ordem do vice-rei da Bucareli. Lá também se resguardou as esculturas de Coatlicue e a Pedra Sun que iria dar início há construções de museus no México. Em 25 de agosto 1970, foi fundado o primeiro Museu de História Natural, instituído pelo botânico José Longinos Martínez. Em 1865, o imperador Maximiliano de Habsburgo ordenou a mudança do museu para o prédio localizado na rua 13 de Moneda. Em 1906 com o crescimento das coleções incentivado por Justo Sierra o museu mudou-se para o belo edifício do Chopo, que foi construído especialmente para abrigar exposições. Em seguida, recebeu o nome de Museu Nacional de Arqueologia, História e Etnografia e foi reaberto 9 de setembro de 1910. (MUSEUS EM NÚMEROS, 2014, p. 37).

#### e) Museu de La Plata

Museu de La Plata foi fundado em 17 de outubro de 1872 em Buenos Aires, capital da província de mesmo nome. Esta coleção de museus integrados continham aproximadamente 15 000 cópias de pedaços de ossos e objetos industriais doados pelo senhor Francisco Pascasio Moreno. Com a fundação da cidade de La Plata em 1880, o governo transferiu o museu para a cidade de Moreno, e no ano de 1884 começou a construção do prédio que abrigaria as coleções. Moreno doou 2.000 volumes de sua coleção particular, com isso, ele foi o fundador do museu e seu primeiro diretor. Em 1906, meses após a nacionalização da Universidade Nacional de La Plata, o museu tornou-se parte dela, incorporando atividades de ensino e pesquisa. Foi então que Moreno deixou a gestão do museu por discordar com a nova orientação. (MUSEUS EM NÚMEROS, 2016, p. 41).

#### f) Museu Paraense Emílio Goeldi

O Museu Paraense Emílio Goeldi é uma instituição pública, localizado em Belém, capital Pará, Brasil. Vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação, seu acervo consta com informações sobre a ciência naturais e humanas da Amazônia.

Agencia importantes pesquisas científicas dos sistemas naturais e culturais da região. É a mais antiga instituição na região amazônica e famosa mundialmente como uma das mais bela e importantes instituição de investigação científica sobre a Amazônia brasileira. O século XIX viajantes ingleses, alemães, franceses, italianos, estadunidenses e russos, invadiram a Amazônia para realizar estudos naturalistas.

Com a urbanização e o crescimento da cidade, Belém se transformou em uma metrópole, em 25 de março de 1871, o governo do Estado do Pará instalou, oficialmente, o Museu Paraense, e Domingos Soares Ferreira Penna foi nomeado primeiro diretor. Inicialmente, suas instalações eram precárias, faltando pessoal e apoio para as pesquisas. As coleções existentes acabaram se perdendo pelas péssimas condições de conservação e a produção científica praticamente se resumiu aos próprios trabalhos de Ferreira Penna, sobre Geografia, Arqueologia e outros assuntos (MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, 2016).

#### g) Museu Paulista

Inaugurado em 7 de setembro de 1895 como museu de História Natural símbolo representativo da Independência e da História do Brasil. A primeira coleção a constituir o museu particular de São Paulo foi doada pelo Coronel Joaquim Sertório. Em 1922 o caráter histórico da instituição foi reforçado. Com a aquisição de novos acervos. Realizou-se também a decoração interna do edifício, com pinturas e esculturas apresentando a História do Brasil. Instalando-se também o Museu Republicano “Convenção de Itu”, extensão do Museu Paulista no interior do Estado. O Museu Paulista tem um acervo de mais de 125.000 unidades, entre objetos, iconografia e documentação textual, do século 17 até meados do século 20, significativo para a compreensão da sociedade brasileira, especialmente no que se refere à história paulista.

#### h) Museu Júlio de Castilhos (RS)

O Museu Júlio de Castilhos é o mais antigo do Rio Grande do Sul. Reconstituição do antigo dormitório de Júlio de Castilhos. O prédio principal atualmente ocupado pelo museu, de número

1231, é um destacado modelo de residência urbana aristocrática do século XIX. Foi construído em 1887, com projeto do coronel de engenheiros Catão Augusto dos Santos Roxo, herói da Guerra do Paraguai, para ser sua residência. Em 1897 foi aberta uma subscrição entre os membros do Partido Republicano Rio-Grandense para adquirir o palacete para morada de seu presidente, Júlio de Castilhos, ex-presidente do estado, que passou a ocupá-lo, com sua esposa Honorina e seus seis filhos, entre 1898 e 1903, data de sua morte. Após o falecimento da viúva, em 1905, o prédio foi comprado pelo governo do estado, e para lá foi transferido o acervo do museu. Em sua memória foi mantida uma sala reconstituindo o antigo dormitório do casal e seu gabinete. Em 1980 o governo adquiriu a casa vizinha, número 1205, construída entre 1917 e 1918, a fim de que os espaços expositivos do museu pudessem ser ampliados.

### **2.1.6 Museus mais importantes do mundo**

#### **a) Rijksmuseum**

O Rijksmuseum é o museu Real dos Países Baixos e está abrigado na cidade de Amsterdam. Fundado por Luís Bonaparte em 1808 a partir das coleções artísticas da casa real de Orange. Em 1814 encontrava-se instalado na Câmara Municipal da cidade. Em 1814, a coleção foi transferida para o Trippenhuis. Mais tarde em 1855, as coleções foram transferidas para o atual edifício “próprio”. O museu contém 130 salas além da extraordinária riqueza das telas de pintura, destaca-se também a importante coleção de 800 mil gravuras. Abrange principalmente obras das escolas flamenga e holandesa.

#### **b) Museu Nacional de Atenas**

O Museu Nacional de Atenas foi fundado no ano de 1886 com coleções arqueológicas encontradas na Grécia, abrangendo a época arcaica e o período helenista. Entre as peças do museu de grande importância encontram-se as esculturas, os relevos e os vasos pintados. Com destaque para a estátua de “Deusa da Vitória” o “Guerreiro”, a “Estátua de Kroisos”, o bronze conhecida como “Cabeça de Atleta”, os mármores do templo de Esculápio e diversas obras de Escopas. Existe uma abundante coleção de

monumentos funerários e sepulcrais. Grande quantidade e obras provêm de Atenas, como o “Monumento sepulcral de Egeu de Prosenas” e fragmentos de cabeça esculpidas encontradas na ilha de Milo.

#### c) Museu de Arte da Catalunha em Barcelona

Integrado ao Palácio Nacional do Parque de Montjuich é o único no mundo por sua magnífica coleção de pintura romântica. Do acervo do museu fazem parte a coleção de pintura e escultura pré-romântica até fins do século XVIII. Inaugurado no ano de 1934, com a transferência da coleção de pinturas murais dos séculos XI e XII que se encontravam expostas desde 1926 no Palácio da Cidade. Foram incorporadas ao novo museu coleções de esculturas românticas, pintura e escultura góticas, renascentistas e barrocas, existem também muitas obras das escolas flamengas e italianas dos séculos XVI, XVII e XVIII. O museu é o mais importante da Espanha.

#### d) Gliptoteca Ny Carlsberg em Copenhague

É o museu mais importante da Dinamarca, constituído pelas coleções pessoais do mecenas Carl Jacopsen, 1842-1914; suas obras foram reunidas a partir de 1882 e colocadas num edifício de sua propriedade em Valby. Em 1888 Jacopsen doou o museu ao país e construiu-se então o atual edifício. O museu consta com seções de arte egípcia, arte oriental, arte grega, arte romana, arte etrusca e de Palmira. Em pintura destacam-se obras do impressionismo francês, em escultura um importante acervo de obras de Carpeaux e de Rodin.

#### e) Museu Egípcio do Cairo

Fundado em 1857, na cidade de Bulaq, devido a iniciativa do arqueólogo francês Mariette; seu sucessor, G. Maspero, transferiu-o para El-Ghiza, até que em 1902 ele foi definitivamente instalado no Cairo. As coleções deste museu foram compostas com os produtos obtidos nas escavações efetuadas ao longo de muitos anos. A maioria as peças derivavam dos túmulos de reis e cortesãos e permitiram estudar a arte e os costumes daquela civilização. Cabe especial

destaque à escultura do rei Quefren, a de Miquerinos e a monumental “Cabeça de Userkaf”. A estátua de Kanaper é uma das mais antigas em madeira. Entre os fragmentos de edifícios destacam-se as estrelas de Sesostris I. revestem especial interesse os restos do túmulo de Tutankamon, encontrados em 1922 e que constituem as peças mais notáveis de um museu que é melhor do mundo no gênero.

f) Museu ou Galeria dos Uffizi em Florença

Importante museu italiano instalado no chamado Palácio dos Uffizi. Nele reuniram os Medici à maior parte de suas valiosas coleções artísticas, cedidas ao Estado em 1737. Possui um importante acervo de pintura. Com predomínio de obras italianas. Praticamente todas as obras pictóricas renascentistas italianas se encontram neste museu. Bellini, Botticelli, Caravaggio, Giotto, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Rafael, Ticiano, Verrocchio entre outros.

g) Museu Estatal Ermitage

Principal museu da União Soviética e está localizado na cidade de Leningrado. Encontra-se instalado num palácio construído em 1764 sob o reinado de Catarina II. Fundado em 1852. Contém cerca de dois milhões e meio de objetos artísticos: tapeçarias, pinturas, esculturas, cerâmica, e muitos outros. Possui 75 000m<sup>2</sup>, distribuídos em 322 salas de exposições. Entre seus elementos mais importantes está a excepcional coleção de antiguidades citas, única no mundo, as seções de arte greco-romana; uma ampla representação de pintura francesa do século XVIII, e coleções de pintura das escolas flamenga e holandesa da escola italiana e da escola espanhola, entre outras obras.

h) Museu Britânico

Situado em Londres é um dos mais importantes centros de arte da Grã-Bretanha. O atual edifício onde está instalado o museu é obra original dos irmãos Robert e Sidney Smirke. O museu começou a funcionar em 1753, dentre as inovações arquitetônicas dos últimos tempos, cumpre destacar a criação de um pavilhão no qual estão expostos os mármores provenientes

do Partenon. O museu conta com valiosas coleções de objetos e restos pré-históricos, assim como uma abundante arqueologia egípcia, destacando a pedra de Rosetta, as cabeças de Amenemhat III e numerosos sarcófagos de múmias, restos originais das culturas mesopotâmicas a cerâmica apresenta também um vasto repertório, O museu conta também com uma excepcional biblioteca, com mais de 5 milhões de volumes impressos, 75 mil manuscritos, 116 mil mapas e cartas.

#### i) National Gallery em Londres

Fundada em 1824, seu edifício foi projetado pelo arquiteto W. Wilkins. A parte mais antiga de seu acervo foi composta principalmente com as coleções de J. J. Angerstein, de Sir George Beaumont e do reverendo W. Holweel Carr. Mais tarde as reservas de coleções particulares integradas ao museu através de doações enriqueceram imensamente a galeria. Compreende cerca de dois mil quadros e inclui todas as escolas de pintura européias, que vão desde os primitivos flamengos até aos impressionistas franceses, e naturalmente obras da escola inglesa, representada por Constable, Turner, Gainsborough e Hogart. Possui quadros famosos e conhecidos em todo mundo.

#### j) Tate Gallery Londres

Fundada em 1897 com a doação inicial de Henry Tate, proprietário de uma coleção selecionada de arte moderna. Favoreceram o enriquecimento da Galeria as contribuições do National Art-Collection criado em 1903, e os da Contemporary Art Society, fundada em 1910. O legado Turner tornou necessário e importante a ampliação do museu, o mesmo acontecendo depois com o legado de Sir Hugh Lane, constituído por obras de artistas contemporâneos franceses. Atualmente a galeria possui mais de três mil obras de arte britânica e um grande acervo da pintura francesa dos séculos XIX e XX. Há também telas de pintores espanhóis contemporâneos: Picasso, Miró e Dali.

#### k) Museu do Prado

Principal museu de pintura de Espanha, na cidade de Madrid. Foi inaugurado em 1820, instalado no edifício que

durante o reinado de Carlos III seria a Academia e Museu de Ciências Naturais. Em 1872 foi incorporado no Prado acervo do chamado Museu Nacional de Pinturas ou da Trindade, também de Madrid. A instituição foi enriquecendo seu patrimônio com diversas doações. Existem representações de pintura italiana (Rafael, Boticelli, Ticiano, Tintoretto), da escola flamenga (Bosh, Bruegel, Rubens e Van Dyck), holandesa (Rembrandt), alemã (Cranach, Dürer), francesa (Poussin, Watteau) e da inglesa (Reynolds) entre outros.

#### l) Galeria Brera

Fundada em 1809 é a mais importante pinacoteca de Milão e uma das principais da Itália. É o palácio homônimo do século XVII. As coleções nela expostas provêm da antiga Academia de Belas-Artes. A coleção primitiva foi sendo enriquecida com exemplares provenientes das igrejas e conventos pontifícios entre 1805-1811. Possui uma rica coleção de pintura italiana, integrada por obras da escola lombarda. Nesta Galeria existe quadros tão famosos como a “Virgem com seu filho anjos e santos”, de Piero della Francesca; os “Esponsais da Virgem”, de Rafael; “Cristo morto”, de Mantegna e a “Ceia de Emaús”, de Caravaggio.

#### m) Museu de Pushkin em Moscou

Segundo museu da União Soviética, seguindo em importância o Ermitage de Leningrado. Fundado em 1912 com o nome de Museu das Belas-Artes. Em 1937, por ocasião das celebrações do centenário da morte do grande poeta Pushkin, seu nome mudou. O museu aumentou suas obras com contribuições provenientes do Ermitage, do Museu Rumanziev, da Galeria Tretjakov e de coleções particulares. Contém muitas obras gregas, romanas, medievais e renascentistas, assim como uma coleção de vasos gregos, encontrados nas escavações arqueológicas realizadas no mar Negro, e uma seção de antiguidades egípcias, possui muitos quadros das escolas flamenga, holandesa, francesa e italiana.

#### n) Pinacoteca Antiga de Arte Munique

Importante museu da República Federal da Alemanha. Da época do arquiduque Guilherme IV 1508-1550, consta com coleções da família Wittelsbach. Compreende três grandes grupos, pintura barroca europeia, pintura italiana do Renascimento, primitivos alemães. No tempo de Alberto V o patrimônio aumentou com objetos de decoração e antiguidade. No século XVIII a galeria atingiu seu esplendor máximo com a incorporação de importantes obras. Em 1801, o museu teve de ser transferido para Ausbach. No ano de 1803 inicia um novo período de engrandecimento da pinacoteca com a incorporação de pinturas primitivas alemãs. Em 1852 os dirigentes da instituição decidem vender 971 pinturas consideradas de pouco interesse. O diretor Von Reber, que iniciou suas funções em 1875, realizou em sua época uma importante classificação e enriquecimento do patrimônio e elaborou um catálogo geral. O museu é um dos mais importantes do Ocidente.

#### o) Metropolitan Museum

Fundado em 1872 é o mais importante museu dos Estados Unidos e fica situado na cidade de Nova York, pode se dizer que este museu possui as coleções que compreendem um período mais longo da história humana. Dividido em 14 departamentos que incluem desde as artes do antigo Egito, do Extremo Oriente e do Oriente Próximo, até as mais modernas tendências artísticas da Europa e América. Praticamente todas as escolas pictóricas estão nele representadas desde a escola flamenga e renascentista italiana até aos últimos impressionistas. O museu possui uma sucursal, no qual está reproduzido o claustro romântico catalão de Cuixá, encontrando ainda uma ampla representação da arte e arquitetura da Idade Média.

#### p) Museu de Arte Moderna Nova York

Importante museu dos Estados Unidos fundado em 1929. Tem como sua finalidade instigar e desenvolver o estudo das artes modernas. Em 1937, por iniciativa da família Rockefeller, criou-se um fundo destinado a aquisições, o que levou o museu a aumentar sua coleção para 25 mil obras. Ampliações importantes

foram efetuadas em 1939 e 1963. Está organizado por seções de pintura, escultura, arquitetura, esboços, desenho e fotografia, destacando-se muitas obras como as de Miró, Matisse, Picasso, Modigliani, Magritte, Dalí, Bacon, Oldenburg, Rodin, Chagall, Rothko e Diego Rivera, entre outros. Considerados como importantes benfeitores do museu, os componentes da família Sidney Janis entregaram em 1967 mais de cem obras de sua coleção particular. Janis conseguiu que Picasso lhe cedesse a “Guernica”, e desde então ela encontra-se no museu.

#### q) Museu do Louvre

Principal museu da França, situado em Paris. Instalado no palácio de mesmo nome, sua origem remonta à época da revolução francesa, foi projetado entre 1791 e 1793, como lugar para exposição das coleções e tesouros reais. Durante o primeiro governo de Napoleão Bonaparte, enriqueceu consideravelmente com a incorporação das coleções provenientes das conquistas militares. Em 1934 foi submetido a uma profunda reestruturação em seis departamentos. Departamento de antiguidades orientais, Departamento de antiguidades egípcias. Departamento de pintura. Departamento de esculturas. Departamento de objetos artísticos. Cabe destacar que possui uma extensa biblioteca de arte e arqueologia, com mais de 80 mil volumes; o laboratório fundado em 1931, dedicado a análise científica das obras pertencentes à instituição; e a escola do Louvre, fundada em 1881, para o ensino da história da Arte e da Arqueologia.

#### r) Museu do Vaticano

No Museu do Vaticano existem amplas e valiosas coleções artísticas do patrimônio dos papas. As obras de arte antiga estão reunidas no chamado Museu Pio Clementino, e entre elas cumpre destacar o grupo escultórico “Laoconte”, o “Apolo de Belvedere” e o “Hermes”. Gregório XVI hoje chamado Museu Gregoriano, possuidor de obras de origem egípcia e etrusca. A Galeria dos Tapetes inclui ricos originais de Flandres. O Museu Chiaramonti encerra importantes obras escultóricas antigas, como o “Doriforo”. Na pinacoteca existe vasta representação das escolas pictóricas italianas, com produções de Giotto, Rafael,

Leonardo da Vinci, Caravaggio, etc. no século V, o papa Nicolau V fundou a biblioteca, que reúne valiosos manuscritos.

s) Galeria Nacional de Arte em Washington nos Estados Unidos

Criado em 1937 com a doação feita pelo político Andrew Mellon de sua coleção de obras de arte e também do local para sua exposição. Foi aberto ao público em 1941. Mellon gastou altas somas na aquisição de obras, compradas tanto no Ermitage de Leningrado como depois da I guerra mundial, das coleções dos grandes príncipes alemães. Existem neste museu pinturas de Jan van Eyck, Rafael, Ticiano, uma serie de Rembrandt, obras de Masaccio, Velázquez, Vermeer e Hals. As coleções iniciais foram ampliadas por doações, enfatizando a do senhor Samuel Krees, cuja fundação continua a enriquecer o museu.

### **2.1.7 A função social dos museus**

O museu é uma instituição permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que adquire, conserva, pesquisa, expõe e divulga as evidências materiais e os bens representativos do homem e da natureza, com a finalidade de promover o conhecimento, a educação e o lazer. (CHIAROTTI, 2010, p. 06).

Com este sentido, a Instituição Museu passa a ser uma grande promotora do desenvolvimento do homem, pois retrata a sua diversidade e a variada gama de possibilidades da civilização representada pela cultura material depositada no seu acervo (CHIAROTTI, 2010).

No Brasil, de acordo com o Caderno de Propostas da 1ª Conferência de Cultura, começa a tomar corpo institucional, quando os primeiros ensaios para estabelecer uma política pública para o patrimônio cultural brasileiro foram iniciados com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN), por Gustavo Barroso, em 1922. Tal museu foi regulamentado pelo Decreto nº 24.735/1934 e tinha como motivo principal a urgente

necessidade de se proteger as obras e monumentos artísticos e históricos nacionais ameaçados de destruição.

A função que o museu exerce na vida de um povo é muito relevante, pois, conforme observa (FRANÇA, 2009 apud CHIAROTTI 2010, p.07), “o museu apresenta à coletividade a sua história cultural”. Sendo assim, esta Instituição deve promover ações para que a comunidade valorize sua identidade e preserve seu patrimônio cultural, pois:

A função do museu deve centrar-se em poder colocar a população local em contato com sua própria história, suas tradições e valores. Por meio destas atividades o museu contribui para que a comunidade tome consciência de sua própria identidade que geralmente tenha sido escamoteada por razões de ordem histórica, social e racial, (DOCUMENTO DO ICOM – CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS).

Portanto, o desempenho dessa função social do museu envolve técnicas, recursos, e ações sócio educativas, tais como:

- Projetos para jovens, crianças e adultos mediante exposições temporárias ou itinerantes com o acervo do museu, realização de ciclos de filmes, seminários, conferências e palestras;
- Visitas guiadas, que é um dos meios utilizados para facilitar a relação entre visitantes e o conteúdo da exposição;
- Oficinas, que são formas de apoio para as atividades socioeducativas na formação e capacitação;
- Publicações do museu, cujo objetivo é permitir que a população conheça o museu, as pesquisas e projetos que realiza. (CHIAROTTI, 2010, p. 08)

Sendo assim o museu contribui desta forma para o desenvolvimento intelectual do indivíduo, seja coletivo ou individual. Permitindo que esses indivíduos tenham informações e conhecimentos sobre seu passado. Passando a valorizar e

preservar seu passado, preservando assim o patrimônio cultural existente.

Segundo Candido (2007) o papel dos museus na sociedade diante do processo mundial de urbanização, como instituição, seria pôr os valores humanos em primeiro lugar e dissipar crenças e preconceitos.

Sua missão deveria ser criar as bases da compreensão dos problemas para formar indivíduos responsáveis por um processo de mudanças sociais e políticas, porque, numa época de transformações aceleradas, instituições não revolucionárias não podem sobreviver. (DESVALLEES, 1997, p. 133-134 apud CANDIDO, 2007, p. 10).

A contribuição dos museus ao desenvolvimento deve ser de constituírem-se em núcleos de inspiração, lugares de profusão cultural, matrizes fecundas onde se fundem as teorias humanas do desenvolvimento não somente econômico, mas um momento da criação contínua do homem pelo homem em todas as suas dimensões. (DESVALLES, 1997, p. 133-134 apud CANDIDO, 2007 p. 10).

## 2.2 AS TRANSFORMAÇÕES DO SÉCULO XX

[...] “Cada geração se viu forçada a interpretar esse termo impreciso – museu – de acordo com as exigências sociais da época”. (TAYLOR, 1938).

Suano (1986) nos informa que do final do século XIX para o início do século XX ocorreu uma proliferação dos museus, de 59 museus em 1850 para 295 em 1914 na Inglaterra. O aumento foi tão significativo que em 1888 foi criada a Associação de Museus, que, inclusive editou uma revista especializada, a *Museum Journal*, e um boletim informativo, o *Museum News*.

Essa associação tinha os seguintes objetivos:

- a) Meios para realizar intercâmbios de duplicatas e espécimes extras;
- b) Meios para obter modelos, moldes e reproduções;

- c) Esquemas para fornecimento de etiquetas, legendas, ilustrações, informações;
- d) Plano uniforme para organizar coleções de história natural;
- e) Esquema para assegurar serviços de especialistas;
- f) Melhoria da regulamentação de uso dos museus e bibliotecas;
- g) Indexação do acervo dos museus;
- h) Promoção de conferências para os trabalhadores;
- i) Preparo de pequenas coleções para circular, sob empréstimo, nas escolas;
- j) Ação coordenada para obter fundos do governo, além de doações, empréstimos, etc.;
- k) Publicação de revistas periódicas sobre assuntos de museus. (SUANO, 1986, p. 49-50).

Mas com o advento da Revolução Industrial, os museus começaram a perder sua função, começaram a se estagnar, ficam na inércia, pois segundo Suano (1986, p. 50) o “proletariado conscientizava-se de seus direitos e passava a exigí-los e a burguesia não conseguia mais gerir a sociedade com a mesma facilidade de antes”.

Segundo a autora, Suano (1986, p. 51) “O museu vai viver, contudo, experiência bastante interessante. A primeira é aquela projetada por Hitler e nunca concluída, e a segunda se refere aos usos do museu pelas Revoluções Socialistas”.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) Hitler fez uso da instituição museu como lugar privilegiado para mostrar a ascensão germânica e sua hegemonia sobre a Europa. No projeto de reurbanização da cidade de Linz, capital da província natal de Hitler na Áustria, o museu deveria ser a maior e mais rica galeria de arte do mundo, sede dos botins realizados na Europa. Ou seja, depois que o exército de Hitler invadia e dominava as cidades, o mesmo saqueava e roubava todos os objetos e obras de artes pertencentes às pessoas e às instituições locais ocupadas por seus exércitos. Esse museu proporcionaria lições de história e educaria artisticamente o visitante através de enfoque especial dado ao “melhor” da

produção de cada artista ou de cada período ou lugar da história da humanidade. Como bem notam os estudiosos italianos Lanfranco Binni e Giovanni Pinna, o museu do nazismo conciliava as necessidades de propaganda do Estado com as possibilidades de educação individual e sintetizava todas as conquistas dos museus europeus criados pela burguesia nacionais do século XIX com a mais moderna crítica de arte europeia.

A Revolução Russa de 1917 não depredou nem saqueou as casas e palácios da aristocracia. [...] Tanto as coleções da família imperial quanto as particulares foram desmembradas para formar novos museus nas cidades de província. Esses museus foram todos estruturados de acordo com a teoria marxista para transmitir determinadas interpretações do passado e mensagens ideológicas para o futuro. As obras não são mais expostas segundo um critério puramente estilístico, mas sim de forma a evidenciar o contexto que as gerou. “Assim é que as forças produtivas, as relações de produção e as ideologias formam o pano de fundo no qual as obras de arte – e qualquer outro produto humano – são inseridos”. (SUANO, 1986. p.51-52).

Suano nos informa (1986, p. 54) que “o museu da Revolução, em Havana, ensina a história da opressão sob a qual viveram os pais e os avós dos habitantes, indicando o socialismo como a única via de ruptura com o passado”.

“Na China, os museus são periodicamente fechados e reformados segundo as linhas de pensamento vigente dentro do Partido Comunista Chinês”. (SUANO, 1986, p. 54).

Por sua vez, Suano (1986, p. 54) nos relata, que:

Nos Estados Unidos o quadro é realmente novo. O museu aparece perfeitamente inserido no quadro da produção capitalista, em estreita ligação com a indústria cultural, com a universidade, com a produção artística. Cunha-se nesse período, a expressão ‘museu dinâmico’, para definir essa instituição que abrigava obras de arte, arquivos, espécimes raras do mundo mineral, vegetal e animal e que oferecia serviços educacionais, concertos de músicas, desfiles de moda, ciclos de palestras, etc. É só nos anos 60 do século XX que a Europa vai

conhecer movimentos para 'dinamizar' seus museus, dentro da reivindicação pela democratização da cultura que agitou o final da década e produziu substanciais mudanças nas estruturas culturais existentes, do museu à universidade (SUANO, 1986, p.54)

Contudo no segundo período pós-guerra, o museu passa a refletir os interesses da sociedade europeia e americana pela ecologia, pela preservação do meio ambiente, pela prática da agricultura, pela vida cotidiana e não mais pelos "grandes feitos", "grandes datas" e "grandes heróis". O museu vai à escola, com pequenas mostras circulantes, vai às fábricas, às prisões, à periferia e à zona rural, em forma de "trem-museu" ou "museobus". Em sua sede, organiza atividades para grupos infantis e juvenis, mostras periódicas, ateliês de criatividade para o público em geral e reformula-se para, através da pesquisa e departamentos com pessoal especializado, atender a contento todas essas novas frentes. (SUANO, 1986, p. 55).

Datam também dessa época a criação das principais escolas especializadas para formação de profissionais de museu, tanto na Europa Ocidental, quanto do Leste e nos Estados Unidos.

Pode-se observar que os seminários e publicações deixavam transparecer a perda de identidade dos museus, pois com o pós-guerra a sociedade capitalista se apresenta com profundas mudanças, como por exemplo, o aumento do turismo internacional entre Europa, América, Ásia e África, e permitia a visitação em locais antes acessíveis apenas através de filmes e fotografias. Agora,

O museu passou a ser considerado 'estagnado', 'morto', 'sepulcral' e não tinha como rivalizar com o pitoresco e colorido das visitas in loco às antiguidades clássicas na Grécia e em Roma, aos safáris na África, etc. (SUANO, 1986, p. 57).

## 2.2.1 Museu e comunidade

Suano (1986) nos lembra que a função do museu foi sempre a educação, a ciência e o lazer, mas que somente nos anos 60 e 70 do século passado eles foram levados a sério, e que a comunidade ou público do museu é diferente do público ou comunidade da escola, ou seja, na escola, há leis e diretrizes nacionais que, comumente, mesmo os estabelecimentos privados devem seguir. O público da escola é numeroso e fixo por determinado tempo. Já o público do museu é variável, flutuante, não há obrigatoriedade de frequência e, sobretudo, raramente existem contatos e avaliações entre o visitante e os profissionais de museu.

Na avaliação da autora (1986) a comunidade, de forma geral, busca o museu em suas horas vagas e por não haver contato entre os que fazem o museu e os que o usam, este fazer raramente é questionado.

Nos anos 60 do século passado a primeira geração do pós-guerra atingia sua maioridade e insatisfeita, marcha contra as estruturas de educação e cultura.

O movimento variou muito de país para país, embora compartilhasse de muitas vontades comuns, como a democratização da universidade, a quebra do controle do Estado sobre a cultura, a recusa do imperialismo das grandes potências e, grande ponto de união, o repúdio à Guerra do Vietnã. (SUANO, 1986, p. 59).

A autora comenta que esses movimentos, essas insatisfações dos anos 60 atingiram o museu. Que esse sentimento de insatisfação cultural que começou na França, deu origem à primeira análise sistemática, quantitativa e qualitativa, do público dos museus europeus, e com esta análise foi publicado um livro. Em resposta foi erguido o Centro Nacional de Arte e Cultura Pompidou, conhecido como Beaubourg, o “museu do amanhã”, com o custo de um bilhão de francos no coração da velha Paris. (SUANO, 1986, p. 59-60)

## 2.2.2 Museu e educação

Desde o século III em Alexandria onde aparece pela primeira vez o museion, o museu tem sua trajetória ligada à evolução do pensamento humano, passando deste modo por muitas mudanças sociais, culturais e econômicas. Tamanini (1994, p. 51), ressalta que na relação do museu como a sociedade sempre foi visto como guardião de objetos pertencentes a diferentes povos em diferentes períodos da história.

Foi após o século XIX com o crescente interesse pela cultura que os museus criaram locais especiais para as suas exposições, surgindo com isso às primeiras exposições temáticas. Todavia esse crescente interesse pela cultura se chocava com o problema da percepção, pois, os visitantes possuidores de pouca cultura necessitavam de alguém para explicar os objetos expostos no museu. Sendo assim, a burguesia do século XIX mais culta separou o museu em áreas e criou locais especiais criando assim a pedagogia do museu, que se mantém até hoje em dia. O primeiro museu a criar um serviço educativo permanente foi o Louvre, na França em 1880. Pioneiro foi também a criação em Suvey, Inglaterra, do primeiro museu especial para crianças no mundo.

Segundo Tamanini (1994, p. 52) todo museu aberto ao público transmite uma mensagem educativa através dos seus objetos a qualquer indivíduo que nele entrar independente de classe social, sexo, idade, raça ou escolaridade, passando a ser o museu um local de educação permanente.

O museu a partir de então passa a ser visto não apenas como espaço destinado a objetos antigos, pertencentes a diferentes povos e raças, em diferentes países e estados, mas passa a ser visto como parte de um processo educativo que transmite saberes e conhecimentos e que torna o indivíduo mais culto. “A educação precisa ser permanente e universal, aberta e democrática, é preciso se constituir como um saber muito mais amplo do que a escola e o sistema escolar”. (TAMANINI, 1994, p.65).

Sabemos que os museus não pertencem ao campo da educação formal, mas seu papel pedagógico foi importante ferramenta para a educação não formal, contribuindo com

atividades escolares fora da sala de aula que estimulam a criatividade e a curiosidade dos alunos que o visitam.

A grande identidade entre os museus de todos os tipos, tanto em países hegemônicos como periféricos é o serviço educativo. Em quase todos os programas desenvolvidos as premissas comuns são: desenvolver a criatividade infantil e proporcionar maior envolvimento com os aspectos da realidade histórica e cultural e principalmente contribuir para o ensino formal (TAMANINI, 1994, p. 54).

## 2.3 RELAÇÃO MUSEU E ESCOLA

Segundo Pérez Gómez (1992, p. 106) quando um docente reflete sobre a ação torna-se um investigador na sala de aula, afastando-se da racionalidade, o docente não se prende as técnicas, regras derivadas de uma teoria externa ou das normas impostas pela administração escolar.

Ao conhecer o conteúdo da disciplina que trabalha e ao refletir sobre o sistema escolar da sala de aula, o docente não se limita a definir sobre os meios, separando-os da definição do problema e das metas desejáveis, construindo anteriormente uma teoria adequada à situação do seu cenário e elabora uma estratégia de ação adequada.

Percebemos que o museu e a escola são universos particulares e distintos, onde as relações sociais se constroem de forma diferenciada, cada um com sua própria identidade. Sendo assim, é importante uma análise que procura estabelecer relações entre o museu e a escola e evidenciar as diferenças entre esses espaços.

Muitas instituições culturais que se preocupam com a educação buscam na escola os referenciais para desenvolver as atividades, entretanto, cada instituição possui sua própria lógica.

Os museus também são espaços de cultura própria, nesse sentido, se espera que ele ofereça ao público uma maneira de interação com o conhecimento diferenciado de escola. (VAN PRAET, 1992, p. 23 apud. MARANDINO, 2001, p. 88).

Frente à instituição escolar, habituada a conceber suas atividades em termos de performances dos alunos, os museus muitas vezes parecem complexados na definição e

nas formas de suas ações culturais, a ponto de reduzir até seus objetivos de sensibilização de prazer e de educação não-formal.

Existe certa inclinação nos serviços educativos dos museus a reproduzir, erroneamente, a escola no museu. Há uma tendência a copiar nos temas das exposições aos programas escolares, transformar certos lugares de animação em sala de aula, alguns aspectos de visita em uma página de leitura ou substituir o papel de um animador por um professor, enquanto que a solução é a busca em termos de parceria.

Temos como exemplo deste processo, um trabalho realizado no museu de ciências, na cidade do Rio de Janeiro, com uma turma de 8ª série do ensino fundamental, que procurou levar em conta a atividade pedagógica considerando duas perspectivas sobre o papel do museu nesta relação: o da escola e do próprio museu. Os docentes consideraram a continuidade das atividades na escola após a visita ao museu, registrando em diversos momentos as falas dos alunos, suas reflexões e interações com os objetos e conteúdos apresentados no museu para que mais tarde pudessem ser trabalhados em sala de aula. A partir das reflexões realizadas pelos docentes com base nesta experiência notou-se a oportunidade de refletir sobre a relação entre museu e escola, com o intuito de “olhar e refletir” sobre a “reflexão na ação”. (MARANDINO, 2001 p. 86).

Quando o docente reflete sobre a ação converte-se num investigador na sala de aula, afastado da racionalidade instrumental, o docente não depende das técnicas, regras e receitas derivadas de uma teoria externa, nem das prescrições curriculares impostas do exterior pela administração ou pelo esquema da disciplina que trabalha e ao refletir sobre o ecossistema peculiar de cada aula, o professor não se limita a deliberar sobre os meios, separando-os da definição do problema e das metas desejáveis antes de construir uma estratégia de ação adequada. As bases do autodesenvolvimento profissional dos professores aprofundam

nesta dinâmica reflexiva. (PÉREZ GÓMEZ, 1992, p. 106 apud MARANDINO, 2001).

Já nas últimas décadas cada vez mais vem se ampliando os espaços não-formais de ensino como, por exemplo, os museus.

Tem crescido também as pesquisas no campo da educação em museus, especialmente aquelas que abordam a relação museu e escola.

O público escolar tem tido uma crescente presença nos museus brasileiros, a exemplo do que ocorre em museus dos países da América latina e cada vez mais os professores de diferentes áreas se interessam por conhecer melhor o espaço museológico, tendo como objetivo principal proporcionar um melhor aproveitamento do conteúdo por seus alunos. Em contrapartida, os museus latinos e brasileiros têm se preocupado em disponibilizar, através de diferentes programas aos seus visitantes materiais de apoio, reuniões de roteiro, cursos sobre museus e espaços próprios para realização de atividades e reconhecimento de público. (MARANDINO, 2001, p. 87).

Podemos apontar algumas características que diferenciam estes dois espaços:

Quadro 1 - Características que diferenciam Escolas e Museus

<b>ESCOLA</b>	<b>MUSEU</b>
Instruir e educar.	Recolher, conservar, estudar e expor.
Espaço cativo e estável.	Espaço livre e passageiro.
Sujeito estruturado em função da idade e/ou formação.	Sujeitos de todas as idades sem distinção de formação.
Conteúdo que lhe é imposto por um programa institucional, pode fazer diferentes interpretações, mas é fiel a ele.	Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção.
Elaborada para realizações de atividades de classe.	Concebido para atividades geralmente individuais ou de pequenos grupos.
Duração: Um ano letivo.	Duração: 1h ou 2hs.
Atividade fundamentada no livro e na palavra.	Apresentações apoiadas no objeto.

Fonte: Adaptado Marandino (2001).

A escola tem uma rotina previamente definida, num tempo determinado para cada atividade do trabalho escolar. O que se aprende como se aprende e o tempo para aprender é pré-estabelecido. Essas rotinas, tanto para os docentes como para os alunos, são consideradas fundamentais para a rotina do trabalho escolar e para a cultura escolar, para que o ensino – aprendizagem se desenvolva com sucesso. Segundo Bourdieu (apud MARANDINO, 2001) “a rotina do trabalho escolar forma a cultura escolar homogeneizada e ritualizada”.

Os museus são espaços com uma cultura própria, oferecendo aos seus visitantes uma forma de interação com o conhecimento diferente da escolar, proporcionando assim aos alunos, situações impossíveis de serem reproduzidas na escola. O docente ao visitar o museu com seus alunos busca, primeiramente, uma alternativa a prática pedagógica, já que entendem esta instituição como um local alternativo de aprendizagem. Os docentes trabalham o conteúdo estudado no museu e sala de aula com relação ao cotidiano dos estudantes

em sociedade, preocupando-se com a ampliação da cultura (MARANDINO, 2001, p. 89).

Podemos afirmar que as diferenças entre a escola e o museu e a relação do aluno com o conhecimento e com os demais sujeitos neste ambiente museal são distintos, o que evidencia para rotinas particulares de produção e aquisição do saber. A reação entre museu e a escola não é de continuidade. Há, contudo a necessidade de formar docentes capacitados em realizar trabalhos relatando a relação museu e escola, ampliando com isso suas atividades pedagógicas não-formais.

## 2.4 CURRÍCULO FORMAL X ESPAÇOS NÃO FORMAIS

No museu a relação entre currículo formal e suas exposições são vistas de uma forma diferenciada. O museu não organiza seus conteúdos a partir do currículo formal, apesar de muitas vezes seus conteúdos terem relação com a temática proposta pelos docentes.

Sabemos que os museus trabalham com o saber de referencia tanto quanto a escola, todavia este saber é diferenciado, com uma linguagem própria.

O museu se diferencia da escola não pela seleção e amplitude dos seus conteúdos, mas pela forma como estes são apresentados.

Os museus ampliam a cultura dos cidadãos promovendo diferentes formas de saber, distintas daquelas ensinadas na escola.

O processo de aquisição do conhecimento nos museus torna-se particular e único.

### 2.4.1 A dimensão pedagógica do museu

Como vimos nos capítulos anteriores nos últimos 30 anos a maioria das experiências e estudos sobre o papel do museu centrava-se quase exclusivamente em sua dimensão social e pedagógica. Havendo neste sentido muitas reuniões internacionais do ICOM, com os departamentos de Museologia e Pedagogia das principais universidades do mundo que estudam o papel pedagógico dos museus.

Em 1880 o Louvre foi o primeiro museu a criar um serviço permanente. Entre 1914 e 1918 a direção do Victoria and Albert

Museum, de Londres organizou uma série de oficinas artesanais relacionadas com os objetos do próprio museu. (pág. 88)

Depois de 1920 nos Estados Unidos houve o auge da experiência pedagógica nos museus. Os Estados Unidos no ano de 1960 já contava com aproximadamente 35 museus exclusivamente dedicados a estudantes, enquanto que nos outros países os museus existentes não chegavam a uma dezena.

O Metropolitan Museu de Nova York recebe anualmente em média 300 mil estudantes. Todos os museus norte americanos contam com um serviço pedagógico permanente, com um espaço exclusivamente reservado para os estudantes. E mais escolas primárias, reservam semanalmente uma hora para comandar e analisar as visitas feitas pelos alunos aos diferentes museus. (p. 88 Livro os Museus no Mundo)

Podemos observar também que as recentes pesquisas destacam o papel pedagógico do museu Nacional de Cuba em Havana e o Museu das crianças, em Marselha na França que contam com uma sala pedagógica: De acordo com os técnicos das referidas instituições, a sala didática terá como objetivo estabelecer aos estudantes questões como: O que são estilos? Qual o papel de um museu? O que é um museu?

A presença das crianças não era meramente contemplativa, pois nessas salas especialmente, podia-se realizar todo tipo de trabalhos manuais e estabelecer discussões em torno dos objetos apresentados. As salas pedagógicas do museu Nacional de Cuba como o Museu das crianças de Marselha trazem elementos interessantes com uma forma de renovação da instituição Museu.

Pode-se observar nestes casos a manifestação de uma mentalidade aberta, que concebe o museu como algo mais do que simples salas destinadas a guardar objetos, nele sobressai à dimensão humana e de serviço que deveria ter em todo o mundo. (p.94)

## **2.4.2 O museu como instrumento de extensão cultural**

Por extensão cultural entende-se toda a forma de educação generalizada que, operada sem estar necessariamente ligada às escolas, visa completar o trabalho das

instituições escolares ou, às vezes, oferecer a única alternativa para quem não possui escolaridade alguma (SUANO, 1986, p.60).

Essa modalidade ganhou corpo no início do século XX nos Estados Unidos, mas também na parte mais industrializada da Europa. O objetivo imediato na Europa era “atingir as grandes levas de adultos que, sugados pelas fábricas desde criança, chegavam à maturidade “brutas e violentas”, segundo as autoridades que se ocupavam da educação e Cultura (SUANO, 1986), para a ideologia dominante o trabalhador era violento por ser ignorante, daí a necessidade de educação. “Nos Estados Unidos, o objetivo da extensão cultural era, por assim dizer, aclimatar e ambientar os contingentes de imigrantes à língua, costumes e tradições americanas”. (SUANO, 1986, p. 60).

Para a autora (1986, p. 61) “as idéias do uso educacional do museu atingiram o Brasil ainda nos anos 30, através de estudiosos da geração do educador Anísio Teixeira e que como ele trabalhavam dentro do conceito de ‘Escola Nova’”.

Os estudiosos brasileiros da época apontavam para a necessidade de o museu se incorporar à educação regular, sobretudo infantil, de forma precisa e coordenada e não como local de simples visitas anuais. No campo da ação educativa supletiva do museu, Sussekind de Mendonça sugeria temas, contatos com associações, horários noturnos de abertura, mudanças de instalações, recursos audiovisuais, salas especiais para crianças, etc. (SUANO, 1986, p. 60-61).

No Brasil, contudo essas ideias não deram certas, ao contrário do que aconteceu na Europa, nos Estados Unidos, na Ásia e na África, onde os museus possuíam “clubes de adultos” e “clubes de crianças” que se reuniam semanalmente em torno do acervo e de atividades predeterminadas do museu, sob a orientação de seus técnicos.

## 2.5 MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE CASTRO

Figura 1 -Gugu Garcia



Fonte: Arquivo: Museu Histórico Thiago de Castro

Sou de 1919, de dois de Dezembro. Batia de porta em porta nos fins de semana procurando coisa velha. Convidavam para entrar, mostravam o que tinham e ficavam contentes porque eu levava para 'guardar. "Ganhei caixas e caixas de livros e papéis. Costumava levar um saco para recolher o que ganhava, depois escolhia. Subi muito em sótão, desci muito em porão [...] não me arrependo, porque gosto, não se discuti. (REVISTA VISÃO, 2004).

O Museu Thiago de Castro foi oficialmente aberto ao público em 1960, na ocasião da organização de uma exposição em comemoração ao centenário da elevação da condição de Vila à Cidade de Lages. Em virtude do sucesso alcançado na referida exposição, em 06 de janeiro de 1962, em sede própria na Rua Hercílio Luz, o museu abre suas portas para toda comunidade de Lages permanentemente, mantendo-se em atividade até nossa

atualidade. Com acervo derivado da coleção particular de Danilo Thiago de Castro, o museu tornou-se pela amplitude e diversidade de suas peças e documentos, um dos mais importantes acervos particulares da região serrana e do estado de Santa Catarina.

Como já salientado acima, desde sua juventude Thiago saía pelas ruas da cidade batendo de porta em porta à procura de algo antigo que os proprietários não utilizavam e estavam dispostos a doar para sua coleção. Reunia milhares de objetos ao final de cada dia, sentava, separava e organizava cada um deles.

Figura 2- Telefone e Tinteiro



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

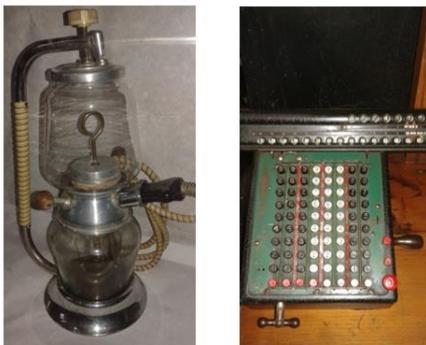
Figura 3 -Vitrolas e Frascos para Medicamentos



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

Ficava cada vez mais apaixonado e fascinado por suas aquisições. Com o passar do tempo já havia reunido em sua casa uma riqueza em objetos e documentos antigos.

Figura 4 -Cafeteira e Máquina de Calcular



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

O museu Thiago de Castro tem sua trajetória marcada por guardar e preservar esses objetos assim como a cultura do povo lageano. Objetos esses muitas vezes oriundos de outros países e outras culturas, trazidos pelos moradores mais privilegiados.

Figura 5 - Clarineta, Jogo de chá, Violino, Jogo de Café



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

O museu tem um papel importante nas ações educativas e pedagógicas no município, contribui e auxilia nas atividades fora da sala de aula estimulando a criatividade infanto-juvenil dos alunos que o visitam.

Figura 6 - Alunos em visita ao museu



Fonte: Elaborado pela autora (2016).

O museu está aberto para o público em geral, mas a grande maioria dos visitantes são alunos das escolas do município, que vem em busca de informações e atividades que contribuem para a prática escolar educativa, para o ensino formal. Atividades essas como a semana do museu que se comemora todos os anos de 18 a 24 de maio de 2015. Essa semana conta com inúmeras atividades realizadas em conjunto com empresas como: SESC e UNIPLAC e a UNIPLAC que está auxiliando na organização dos documentos pertencentes ao museu. Os parceiros desenvolvem atividades paralelas como palestras e filmes, assim como a realização de oficinas, vídeos e filmes que podem ser assistidos no auditório do prédio da fundação cultural.

O último levantamento feito do acervo foi realizado em 2014, conta com aproximadamente 47.000 objetos registrados.

## 2.6 A CRIAÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE CASTRO

A história da criação do Museu Histórico Thiago de Castro se confunde com a história de Lages. Seu idealizador Danilo

Thiago de Castro, começou esta tarefa em 1937, com apenas 17 anos, coletando pedras e alguns animais conservados em formol, ninhos de passarinho e outros utensílios. O tempo foi passando, e o que no início era somente brincadeira foi se consolidando, e acabou criando uma pequena coleção de alguns objetos e fotos. Daí em diante o desejo de juntar tudo isto em local apropriado foi se tornando cada vez mais imperioso e necessário, porém ainda não possível.

Em 1943, aos 26 anos de idade, Danilo fundou oficialmente o Museu Histórico Thiago de Castro.

Figura 7- Solenidade de inauguração



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

No ano de 1948, o museu recebe a visita oficial de uma comissão da Câmara Municipal de Lages, quando as instalações ainda eram em um quarto na residência particular do Sr. Danilo.

Em 9 de junho de 1960 o Prefeito Municipal de Lages, Vidal Ramos Junior, declara o Museu Histórico Particular Thiago de Castro de Utilidade Pública, conforme Lei Municipal de nº 281.

Em 22 de maio de 1960 é oficialmente aberto ao público, em uma exposição realizada no Clube 14 de Junho em Lages, com a presença de autoridades e convidados, chegando ao total de 4.224 visitantes em apenas uma semana. Porém, tudo isto ainda era só o início, havia a necessidade de espaço para abrigar o ainda pequeno, mas precioso acervo.

Figura 8 - Exposição 06/01/1962



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

No dia 06 de janeiro de 1962 o Museu Histórico é aberto ao público em prédio de propriedade particular, sem cobrar entrada, e o acervo do museu foi sendo mantido com recursos próprios, servindo à comunidade como faz até a atualidade. Naquele período as dificuldades foram se somando por falta de espaço e falta de mão de obra especializada para o trabalho operacional e técnico, que eram realizados de forma empírica e amadora.

Em 1981 o museu fecha suas portas, assim permanecendo até 1984, quando foi novamente aberto ao público.

Durante todos estes anos grande parte do acervo foi sendo adquirida com recursos próprios, outro tanto com doações ou coletas, a maioria delas de pessoas que iriam jogar fora estes materiais, e que Danilo ia buscar impedindo sua destruição, e deste modo fazendo com que este amontoado de “lixo” resultasse em um precioso acervo histórico.

Figura 9- Vista da sede do Museu Histórico de 1962 a 1996



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

No ano de 1993, novamente o Museu Histórico Thiago de Castro fecha suas portas até dezembro de 1996.

Em 1996 foi disponibilizado pela Prefeitura de Lages um espaço mais adequado para abrigar o acervo, passando o museu a ocupar o andar térreo do prédio onde funcionava o Fórum Nereu Ramos, após sofrer uma ampla reforma.

Figura 10- Vista da atual sede do Museu



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Hoje a questão de acomodação física está relativamente resolvida, ainda há necessidade de mais espaço, mas nada crítico e que pequenos ajustes não resolvam os problemas mais imediatos.

Durante todos estes anos o museu recebeu oficialmente alguns ilustres visitantes, como os representantes da Câmara Municipal de Lages em 1948, o Governador Celso Ramos em 1962 e o Governador Esperidião Amin Helou Filho, em 1986.

Considerado hoje um dos maiores patrimônios Históricos de Santa Catarina, durante os seus 71 anos de existência esta entidade não cobrou nada pelos seus serviços como a visitação, pesquisa, levantamentos técnicos e muitos outros.

Com a organização deste acervo, ele passa a exercer o papel fundamental a que se destina, como fonte de informação e cultura para os cidadãos conhecerem suas origens e sua história.

### **2.6.1 Acervo do Museu Histórico Thiago de Castro**

O acervo do museu é eclético, composto de objetos, móveis, vestuário, pinacoteca, biblioteca e pelo conjunto dos

acervos iconográfico, cartográfico, audiovisual, hemerográfico e documental.

a) Setor religioso

Peças religiosas como capelinhas de madeiras, imagens, material religioso, fazedor de hóstias, fotos e outros artefatos de diversas épocas.

Figura 11 - Oratórios



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

b) Setor arquitetônico

Peças variadas, tais como pedaços de paredes de estuque, tijolos, telhas, vidros de janelas, portais antigos, pregos, estacas, chaves, fechaduras e outros.

Figura 12 - Luminária a Óleo



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

c) Setor de comunicações

Rádios de diferentes épocas, televisões, máquinas de calcular, máquinas de escrever, gramofones, vitrolas, discos, partituras, telefones antigos de várias épocas.

Figura 13 -Telefone, Vitrola, Máquinas Registradoras, Rádio



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

## d) Setor de mobiliários

Móveis, mesas, cômodas, mesas de canto.

Figura 14 - Escrivadinha de contabilidade



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Figura 15- Mesa (1901-1902)



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

## e) Setor de numismática

Coleções de moedas, cédulas, recibos, selos e outros.

Figura 16 -Museu Thiago de Castro, Panfleto e jornal



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

#### f) Setor de vestuário

Roupa, echarpes, espartilhos, casacos, luvas, chapéus, adereços, bordados, entre outros.

Figura 17- Uniforme - traje utilizado em Lages pela banda de música infantil, criada pelo maestro Ademar Ponce. Lages, século XX



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Figura 18- Exemplo de bordado utilizado como peça de acabamento e eram confeccionados em máquina



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Figura 19 - Botões



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Estes botões foram doados por Lavinia Ataíde em 04/01/1971. Estes botões canudinhos, retrose e fivelas eram comercializadas na 1ª década do século XX em Lages no “Bazar Lageano”.

Figura 20 - Colarinhos



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Tiveram seu auge no século XIX, sendo ainda usados no início do século XX. Os mesmos eram vendidos no “Bazar Lageano”.

Figura 21 - Punhos



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Foram muito usados no século XIX, persistindo ainda seu uso nas primeiras décadas do século XX. Os mesmos eram vendidos no “Bazar Lageano”.

### g) Setor de guerras

Figura 22- Capacetes, armas, granadas, balas, morteiros, lanças, espadas.



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

## 2.6.2 Acervo fotográfico

Este acervo encontra-se em catalogação, estando já devidamente separado, pronto para ser convenientemente acondicionado em estruturas de suportes adequados para seu fim. Aproximadamente 3.000 fotos, retratando os mais diversos setores, sociais, políticos, econômicos, ensino, campanhas, guerras, eventos, cotidiano, artístico, familiar.

### a) Ruas e Praças

Figura 23- Antiga pracinha do Cravo Preto, atual Calçadão João Costa no Calçadão



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Centro do quadrante principal da cidade, estabelecido no século XVIII, comportou em seus limites espaços de forte

expressão política, social e cultural no decorrer do século XIX e XX. Entre eles destacam-se a Casa da Câmara e Cadeia, Sede da loja Maçônica Luz Serrana e Sede da Sociedade Carnavalesca Cravo Preto.

Figura 24 - Centro do Quadrante Principal da Cidade



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Na configuração central de Lages três praças apresentam-se, ao longo de décadas de formação urbana da cidade, como importantes espaços de lazer, trabalho e religiosidade: Praça João Costa, Praça Vidal Ramos Sênior e Praça João Ribeiro. Passaram por significativas modificações em sua estrutura e forma, porém, mantendo cada uma sua própria essência de funcionalidade que não se perdeu no tempo.

Figura 25 - Panorâmica da Praça João Ribeiro e extensão da Rua Quinze de Novembro



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Trecho da Rua Marechal Deodoro próximo ao cruzamento com a Rua Coronel Córdova. A esquerda, parte da fachada do Teatro Municipal edificado em fins do século XIX e a direita, na

esquina, o Armazém de secos e molhados do Sr. Mário Grant. O carro de molas foi condutor de muitos passeios e compromissos, alterando o compasso daqueles tempos.

Figura 26 - Rua Marechal Deodoro



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

As Casas de Pasto eram estabelecimentos de hospedagem que ofereciam aos viajantes alojamento para pouso e comida.

Registros da imprensa do século XIX noticiam algumas dessas Casas de Pasto de propriedade de Olimpyo Machado Ribeiro e Candido Luiz de Andrade. Em 1892 é inaugurado à Rua Marechal Deodoro o Hotel Bitencourt. Na década de 1920, foi aberto à Rua Quinze.

Figura 27 - Da Casa de Pasto aos Hotéis



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

## b) Ensino

Fundado em 1898 num elegante prédio na esquina da Rua Boa Vista, atual Rua Hercílio Luz, manteve atividades educativas por toda primeira década do século XX sob comando dos padres franciscanos.

Figura 28 - Colégio São José (Lages, 1904)



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

A partir de 1900 inauguram-se na cidade algumas aulas para rapazes. Entre elas, em 1901, é aberto o Colégio sob direção de Virgílio Godinho. No curriculum das aulas, exclusiva para os rapazes, havia curso preliminar, secundário e aulas de música. Ao centro, à esquerda Virgílio Godinho e ao seu lado professor Paulino Ataíde.

Figura 29 - Aulas de Música



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Banda de Música do maestro Lourenço Dias Baptista Júnior, que durante vários anos esteve à frente do movimento musical de Lages e região serrana. A atividade musical organizada em Lages data desde fins do século XIX, com o objetivo de organizar uma orquestra sinfônica e incentivar conjuntos teatrais amadores, é fundada a Sociedade Musical Carlos Gomes.

Figura 30 - Bandas de Música – Jazz Band



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Os conjuntos musicais da cidade influenciados pela música norte americana datam a partir da década de 1930. A primeira banda desse perfil constituída em Lages foi a Jazz Band Aracy, cuja apresentação ao público data de 1932. A Jazz Orquestra América apresenta-se no Clube 1º de Maio, inaugurado em 1940. Na composição do conjunto musical, os seguintes integrantes a partir da esquerda: Olímpio Santos, Eurico Batista – Trombone, Ari Saldanha do Amaral – Bateria, Tulio Cabral – Saxofone, Roberto Ferreira – Violino e Emanuel Peluso – Piano.

### c) Religião

O estabelecimento da Igreja Católica na cidade toma proporções mais definidas a partir de 1892 com a chegada dos padres franciscanos. Anterior a inauguração da Catedral da cidade que ocorreu em 1922, esta era a igreja que cumpria papel de matriz.

Figura 31 - Igreja Católica - Lages década de 1940



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

#### d) Antigas Fazendas

Na fazenda, a partir da esquerda: Manoel Pamplona, Tereza Arruda, Eulina Rosa, Maria Arruda, Baselissa de Brito, Matilde Batalha, Vitalina Rath e João Augusto Xavier Neves. Na janela, à esquerda: Zulmira Neves e ao seu lado Inez Raphaeli.

Figura 32 - Fazenda Cruz de Malta



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

#### e) Biblioteca

A biblioteca do Museu Histórico Thiago de Castro é composta de um acervo eclético e temporalmente bastante variado, com aproximadamente 4.000 títulos entre livros, periódicos e folhetos. As obras estão divididas em categorias que variam de especialidades, como por exemplo: Religião, Direito, Medicina, Política, Dicionários, Literatura, Teatro, etc.

Figura 33 - Biblioteca



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Categorias de História Geral, História de Santa Catarina, História de Lages, Coleção de Leis do Império, Artes, Biografias e uma categoria específica de Arquivos e Museus. Há também coleção de revistas com aproximadamente 2.500 unidades, desde o século passado. O acervo documental do Museu Thiago de Castro é de considerável amplitude, possui cerca de 8 mil documentos que abrange os séculos XVIII ao XX. Os documentos são de várias tipologias como: escrituras de propriedades, documentos de compra e venda, ofícios entre outros.

A biblioteca possui mapas demográficos que demonstram a movimentação da população de Lages (século XIX); documentos referentes à medicina e médicos de Lages e região (séculos XIX e XX); da justiça eleitoral que contém o local de votação e o nome do eleitor, de Lages e região (século XIX); documentos referentes à escravatura em Lages e documentos referentes à religião, que juntos somam um total aproximado de 10 mil documentos.

Encontra-se também no arquivo do Museu Histórico Thiago de Castro: acervo cartográfico com aproximadamente 105 mapas e plantas; revistas com 4.222 exemplares de diversos períodos, sendo um dos destaques a coleção de revista “O Malho” datado de 1907; acervo iconográfico com 3.300 imagens; Panfletos e folhetos de caráter artístico, cultural e político, com 1.239 exemplares; acervo sonoro com 1.500 discos. E muitos outros objetos.

### c) Eventos já realizados

Figura 34 - Exposição "INTERVALOS", de Maria Salette Engels WerlingDomingo, 7 de junho de 2015



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

Esta série de obras apresenta uma característica peculiar: cada suporte é pensado e recortado de maneira única, criando intervalos projetados para interagir com o ambiente. Este é visto como extensão da obra de arte que rompe com os limites tradicionais do suporte, buscando propiciar uma amplitude maior do olhar do expectador na relação obra/ambiente.

Os intervalos nas obras são resultado das observações e vivências no vale: relevos, rios, caminhos e interferências humanas se fundem e equilibram em linhas, curvas, cores e espaços criados para exaltar a exuberância existente inter vales.

Todas as obras desta série são recortadas em compensado naval recoberto com tela pintada com tinta acrílica.

Figura 35 - Semana de Museus 2015:  
Museus para uma sociedade sustentável



Fonte: Museu Histórico Thiago de Castro

A Semana Nacional de Museus acontece anualmente para comemorar o Dia Internacional de Museus (18 de maio), quando os museus brasileiros, convidados pelo IBRAM, desenvolvem uma programação especial em prol dessa data. O tema norteador dos eventos é proposto pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM).

Neste ano (2015), a sua 13ª edição ocorrerá entre os dias 18 e 24 de maio, quando instituições museológicas de todo o país promoverão atividades em torno do tema *Museus para uma sociedade sustentável*.

A 13ª Semana Nacional de Museus deste ano tem como tema “Museus para uma sociedade sustentável”. Em Lages, o evento que teve início na segunda-feira e se estende até o próximo domingo, envolve ações nos museus Thiago de Castro e Malinverni Filho (no Centro), Alceu Reche (bairro Santa Rita) e Ferroviário – do 10º Batalhão de Engenharia e Construção (bairro Passo Fundo).

Estudantes da Escola de Educação Básica Visconde de Cairu, no Bairro Vila Nova, participaram de uma oficina no Thiago de Castro. A psicóloga Marilu Diez Lisboa abordou o tema “Orientação Profissional e Mundo do Trabalho” com os estudantes. Esta temática foi realizada a pedido de muitos professores, visando a atender aos jovens que estão no final do ensino médio e começam a buscar por emprego. (GARCIA Núbia / Correio Lageano, p. 01, 20 de maio de 2015).

### 3 METODOLOGIA

O procedimento de pesquisa utilizado no desenvolvimento desse trabalho foi o estudo de caso baseado em pesquisas exploratórias, nas quais foram levantadas questões de caráter qualitativo e quantitativo. Como técnica também foi utilizada a observação do participante no Museu Histórico Thiago de Castro no Município de Lages/SC.

Yin (2005, p. 32) define o estudo de caso:

É uma investigação empírica [de] um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão definidos.

Para este autor “o estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, [...] o poder diferenciador do estudo de caso é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências” (YIN, 2005, p. 26). Além disso, o estudo de caso pode trabalhar tanto com evidência qualitativa como quantitativa.

As pesquisas exploratórias segundo Oliveira Netto (2006, p. 9-10):

Estabelecem critérios, métodos e técnicas para elaboração de uma pesquisa e visa oferecer informações sobre o objeto desta e orientar a formulação de hipóteses. Nas atividades exploratórias concentram-se as importantes descobertas científicas, muitas originadas pelo acaso quando da constatação de fenômenos ocorridos durante experimentos em laboratórios. A pesquisa exploratória visa à descoberta, o achado, a elucidação de fenômenos ou a explicação daqueles que não eram aceitos apesar de evidentes. A exploração representa, atualmente, um importante diferencial competitivo em termos de concorrência. A pesquisa tecnológica exploratória oportuniza a obtenção de patentes nacionais e

internacionais, a geração de riquezas e a redução da dependência tecnológica. Novos produtos e processos podem ser originados por impulsos criativos que a partir de experimentações exploratórias produzem invenções ou inovações.

Yin (2005) explica que é necessário determinar as questões mais importantes para um determinado tópico através da revisão da literatura, como um meio para se atingir uma finalidade.

Logo, a pesquisa bibliográfica proposta no trabalho, teve como objetivo conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno para subsidiar a análise dos dados coletados. Estas publicações foram livros, periódicos, artigos, leis, normas e resoluções emitidas por órgãos regulamentadores, de supervisão e controle dos tópicos (YIN, 2005).

Com isso, pode-se explicar a utilização de dados qualitativos e quantitativos que serviram de referência para o presente trabalho com o objetivo de identificar a importância da função social do Museu Histórico Thiago de Castro e a relação com o ensino e a aprendizagem.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

O Museu Thiago de Castro foi oficialmente aberto ao público em 1960, na ocasião da organização de uma exposição em comemoração ao centenário da elevação da condição de Vila à Cidade de Lages. Em virtude do sucesso alcançado na referida exposição, em 6 de janeiro de 1962, em sede própria na Rua Hercílio Luz, o museu abre suas portas para toda comunidade de Lages permanentemente, mantendo-se em atividade até nossa atualidade. Com acervo derivado da coleção particular de Danilo Thiago de Castro, o museu tornou-se pela amplitude e diversidade de suas peças e documentos, um dos mais importantes acervos particulares da região serrana e do estado de Santa Catarina.

Neste contexto foi desenvolvida uma pesquisa com 14 docentes do ensino fundamental de escolas públicas municipais e estaduais que visitaram o museu através do preenchimento de um formulário entre os dias 18 a 24 de maio de 2015 durante a 13<sup>a</sup> Semana Nacional de Museus e 10<sup>a</sup> Semana do Museu Thiago de Castro em 2015 no município de Lages/SC. A pesquisa incluiu perguntas e respostas qualitativas e quantitativas.

As perguntas relacionadas aos dados docentes serão analisadas, mas não em forma de gráficos, somente as principais perguntas que atendam ao objetivo da pesquisa.

### 4.1 ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DOCENTE

Segue abaixo a análise da avaliação docente do ensino fundamental da rede de ensino do município de Lages/SC.

- 1- Escolas participantes:
  - a) EMEB Profa. Madalena Miranda Largura
  - b) EEB Armando Ramos de Carvalho
  - c) EEB Campos Sales
  - d) CEJM São Pedro
  - e) EMEB Mutirão
  - f) EEB Visconde de Cairu

2- Número de alunos por escolas:

- a) EMEB Profa. Madalena Miranda Largura  
– 141 alunos - Pré 1 e 2, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano.
- b) EEB Armando Ramos de Carvalho  
95 alunos - 1º, 2º e 4º ano.
- c) EEB Campos Sales  
63 alunos - 1º, 2º e 3º ano.
- d) CEJM São Pedro  
42 alunos – Maternal 2.
- e) EMEB Mutirão  
50 alunos - 4º ano.
- f) EEB Visconde de Cairu  
26 alunos - 2º e 3º ano.

3) Escolas Participantes:

- Municipais: 8
- Estaduais: 6
- Particulares: 0

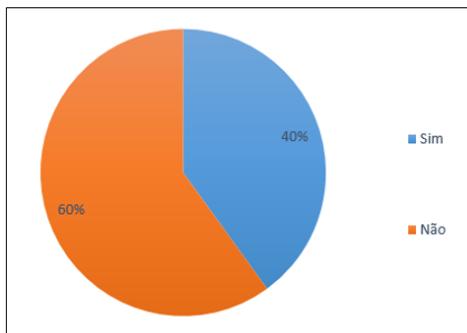
4) Atividades realizadas no Museu Thiago de Castro:

- *Palestra e observação.* (docente A)
- *Cinema e oficina.* (docente B)
- *Cinema.* (docente C)
- *Palestra sobre orientação profissional para o mercado de trabalho.*  
(docente E)
- *Mini filmes, visitação e observação.* (docente F)
- *Cinema.* (docente I)
- *Mini filmes.* (docente J)

De acordo com as respostas dos docentes, a maioria dos docentes afirmaram terem assistido mini filmes, cinemas, oficinas, palestras sobre orientação profissional e visita orientada no Museu Thiago de Castro.

### 5) 1ª visita dos docentes ao museu?

Gráfico 5 - 1ª visita dos docentes ao museu?



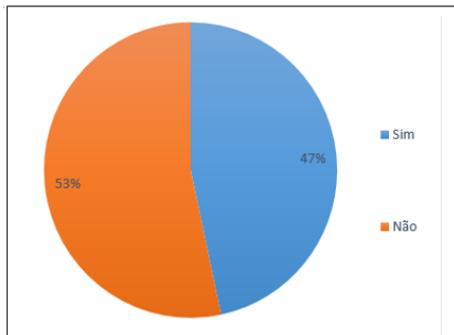
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

De acordo com o gráfico acima 60% dos docentes responderam que não era a primeira vez que visitavam o museu e 40% dos docentes responderam que era a primeira vez que visitavam o museu.

O incentivo dado por docentes de todo o Brasil à prática pedagógica fora do ambiente escolar, tem suscitado em muitas crianças, jovens e adultos o hábito de visitação a espaços como museus, exposições e feiras, principalmente das áreas relacionadas ao campo científico, como ocorre, por exemplo, na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, onde grande parte do público visitante é compreendido por famílias, que muitas vezes são incentivadas por seus filhos que visitaram o espaço com suas escolas (DA CRUZ, 2010).

## 6) Já acompanhou grupos ao museu?

Gráfico 6 - Já acompanhou grupos ao museu?



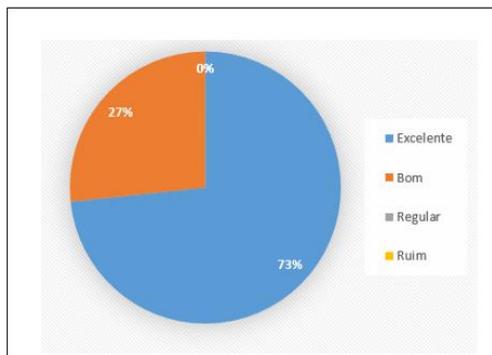
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Conforme o Gráfico 6, 53% dos docentes responderam que nunca acompanharam grupos ao museu e 47% dos docentes responderam que já haviam acompanhado grupos ao museu.

Muitos espaços públicos não formais, como os museus, podem contribuir para a formação de cidadãos críticos e também para a promoção da tomada de decisão em relação à ciência e tecnologia, por exemplo (DA CRUZ, 2010).

7 – Quais são suas considerações em relação ao nosso atendimento?

Gráfico 7 - Quais são suas considerações em relação ao nosso atendimento?



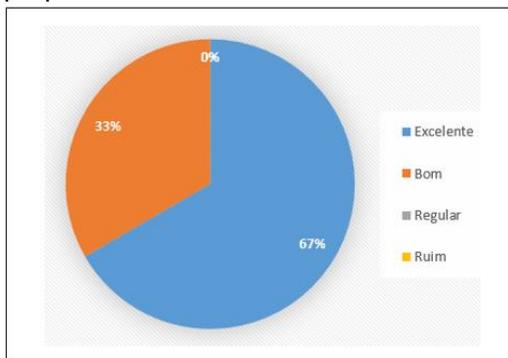
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

De acordo com o Gráfico 7, a maioria 73% responderam que suas considerações sobre o atendimento foi excelente, 27% responderam que foi bom e nenhum docente respondeu que o atendimento foi regular ou ruim.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente (ICOM, 2009).

8 – Qual a sua avaliação referente às atividades que o Museu Thiago de Castro proporcionou aos seus alunos?

Gráfico 8 - Qual a sua avaliação referente às atividades que o Museu Thiago de Castro proporcionou aos seus alunos?



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Conforme o gráfico acima a maioria 67% dos docentes responderam que suas avaliações referentes às atividades foram excelentes, 33% responderam que foi bom e nenhum docente respondeu as atividades foi regular ou ruim.

Neste contexto, é importante divulgar aos professores e a população em geral sobre o que é um museu e sobre seu papel na constituição da memória social, onde através dele, “novos saberes serão produzidos pelas relações que ocorrem no âmbito da cultura museal”. (MARANDINO, 2009).

9 – Considerando a circular explicativa, o procedimento de inscrição, tabela de programação e folheteria, a seu ver, as informações foram satisfatórias? Essa documentação chegou até você? Sugestões

- *Chegou até a secretaria da escola, mas gostaríamos de trazer mais turmas.*  
(Docente A).
- *Sim, fomos informados e logo entramos em contato, fomos bem atendidos e agradecemos.* (Docente B).
- *Pela semana do Museu.* (Docente D).

- *Sim, chegou até a escola de maneira bem clara e objetiva quanto as suas atividades.* (Docente E)
- *Sim, foi tudo muito bem explicado e muito bom, para os alunos levarem conhecimento sobre seus antepassados.* (Docente F).
- *Sim. Queríamos trazer mais turmas! Oportunidade não faltará.* (Docente G).
- *Muito boa, por diversas formas chegou.* (Docente H).
  - *Sim.* (Docente i).
- *Sim, foi bem explicado, a escola foi bem informada.* (Docente J)
  - *Sim.* (Docente K).
  - *Sim.* (Docente L).
  - *Sim.* (Docente M).
- *Sim, foi bem divulgado e os folhetos eram bem claros sobre a programação.* (Docente N).

De acordo com os docentes, a maioria gostou da forma como foram informados. Portanto, a função social do museu envolve técnicas, recursos e ações socioeducativas, tais como: “Publicações do museu, cujo objetivo é permitir que a população conheça o museu, as pesquisas e projetos que realiza” (CHIAROTI, 2010).

De acordo com as orientações constantes nos folhetos, o representante da escola interessada entre em contato com o museu. A secretária, procede ao agendamento do dia e o horário da visitação. No dia agendado, professores e alunos são recebidos pelos responsáveis que irão guiá-los e orientá-los sobre o acervo do museu, durante a visitação.

10 – Enquanto professor houve visitação de sua parte ao Museu Thiago de Castro antes da visita coletiva com seus estudantes? Porquê?

- *Não enquanto professor e sim como estudante, porém, já faz algum tempo.* (Docente A).
- *Sim, muitas vezes busquei informações a nível de pesquisa sobre a história de Lages.* (Docente B).
  - *Não.* (Docente C).

- *Sim, sou professora de artes visuais.* (Docente D).
- *Sim, já havia visitado o museu diversas vezes.* (Docente E).
  - *Sim, trouxe pessoas para conhecer o museu também.* (Docente F).
- *Sim, sou professora de artes e acompanho as exposições.* (Docente G).
- *Estou sempre que meu tempo permite. Sou apaixonada por arte e cultura.* (Docente H)
- *Sim. É de extrema importância aperfeiçoar os conhecimentos.* (Docente i)
- *Não, pelo fato de que as escolas foram convidadas e no meu entendimento esse momento é para os alunos.* (Docente J).
- *Não houve absolutamente nada, tudo ok.* (Docente K).
- *Não. Porque estou iniciando atualmente.* (Docente L).
  - *Não.* (Docente M).
  - *Sim, mas não com grupos.* (Docente N).

Conforme as respostas dos docentes, a maioria já visitou o Museu Thiago de Castro antes da visita coletiva, como por exemplo: fazer pesquisas, ver exposições de arte e aperfeiçoar seus conhecimentos.

A grande identidade entre os museus de todos os tipos, tanto em países hegemônicos como periféricos é o serviço educativo. Em quase todos os programas desenvolvidos as premissas comuns são: desenvolver a criatividade infantil e proporcionar maior envolvimento com os aspectos da realidade histórica e cultural e principalmente contribuir para o ensino formal (TAMANINI, 1994, p. 54).

11 – Após a visita, você realizará algum tipo de atividade em sala de aula, relacionada ao tema proposto na atividade desenvolvida no Museu? ( ) Sim ( ) Não. Se a resposta for positiva, dê exemplos destas atividades:

- *Sim. Na disciplina de Inglês os alunos observam objetos e escrevem as características em inglês (palavras chaves da palestra). Português: roteiro da visita e da palestra. Artes: anotações sobre roupas e objetos. História: relatório destacando o que mais chamou atenção.* (Docente A)
- *Sim. Diálogos sobre a visita; releitura das histórias do cinema; desenhos*

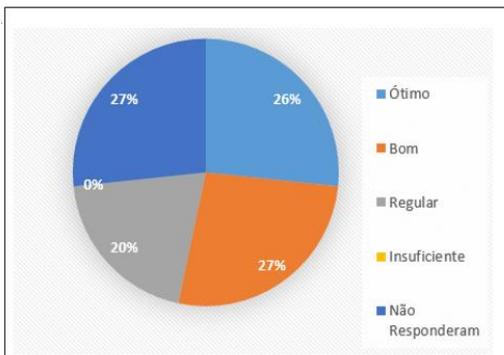
- para exposição. (Docente B).
- *Sim. Contação de histórias de antigamente e recorte em revistas.*  
Docente C).
  - *Sim. Textos, narrativas, pesquisas sobre os objetos expostos.*  
(Docente E).
  - *Sim. Utilizarei na aula de História para comentar as evoluções do ser humano.* (Docente F).
  - *Sim. Atividades artísticas! Experiências estéticas.* (Docente G).
  - *Sim. Já realizo um trabalho com a turma, trabalharei o tema em todas as matérias.* (Docente H).
  - *Sim. Produção textual, ilustrações e oralidade.* (Docente i).
  - *Sim. Primeiramente porque os alunos não conheciam o Museu e estavam ansiosos, portanto, a primeira atividade será apresentar e falar o que é um Museu, porque eles fazem parte da nossa cidade, qual sua importância etc.*  
(Docente J).
  - *Sim. Gostei do assunto sobre a compostagem, achei tudo muito interessante.* (Docente K).
  - *Sim. Farei com os familiares o vaso de flores na garrafa pet.*  
(Docente M).
  - *Sim. Não serei eu que irei desenvolver esta atividade.*  
(Docente N).

De acordo com as respostas dos docentes que visitaram o Museu Thiago de Castro, serão desenvolvidas várias atividades com o que foi visto no museu.

Os docentes consideraram a continuidade das atividades na escola após a visita ao museu, registrando em diversos momentos as falas dos alunos, suas reflexões e interações com os objetos e conteúdos apresentados no museu para que mais tarde pudessem ser trabalhados em sala de aula. A partir das reflexões realizadas pelos docentes com base nesta experiência notou-se a oportunidade de refletir sobre a relação entre museu e escola, com o intuito de “olhar e refletir” sobre a “reflexão na ação”. (MARANDINO, 2001).

12 – Em sua opinião, o desenvolvimento da temática utilizada foi:

Gráfico 9 - Em sua opinião, o desenvolvimento da temática utilizada foi:



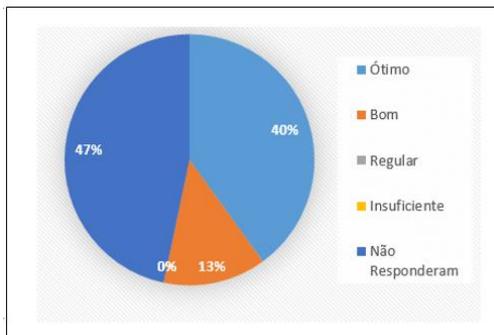
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Conforme o gráfico acima, 26% dos docentes responderam que o desenvolvimento da temática utilizada foi ótimo, 27% responderam que foi bom e 20% responderam que foi regular e 27% não responderam a esta pergunta.

Os museus latinos e brasileiros têm se preocupado em disponibilizar, através de diferentes programas aos seus visitantes materiais de apoio, reuniões de roteiro, cursos sobre museus e espaços próprios para realização de atividades e reconhecimento de público (MARANDINO, 2001).

13 – A carga horária para o desenvolvimento da atividade foi satisfatória?

Gráfico 10 - A carga horária para o desenvolvimento da atividade foi satisfatória?



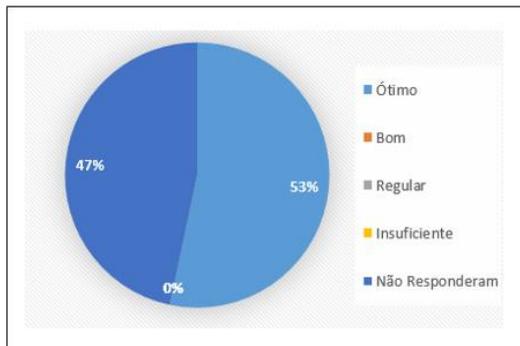
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

De acordo com o gráfico acima 40% dos docentes responderam que a carga horária para o desenvolvimento da atividade foi ótima, 13% dos docentes responderam que foi boa e 47% não responderam.

Os museus são espaços com uma cultura própria, oferecendo aos seus visitantes uma forma de interação com o conhecimento diferente da escolar, proporcionando assim aos alunos, situações impossíveis de serem reproduzidas na escola (MARANDINO, 2001).

## 14 – O espaço contribuiu para a realização das atividades?

Gráfico 11 - O espaço contribuiu para a realização das atividades?



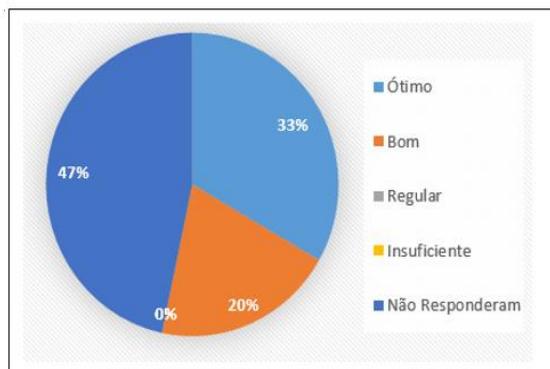
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

Conforme o gráfico acima 53% dos docentes responderam que o espaço contribuiu para a realização das atividades foi ótimo e 43% não responderam.

O docente ao visitar o museu com seus alunos busca, primeiramente, uma alternativa a prática pedagógica, já que entendem esta instituição como um local alternativo de aprendizagem (MARANDINO, 2001).

## 15 – Seu nível de satisfação com a atividade realizada?

Gráfico 12 - Seu nível de satisfação com a atividade realizada?



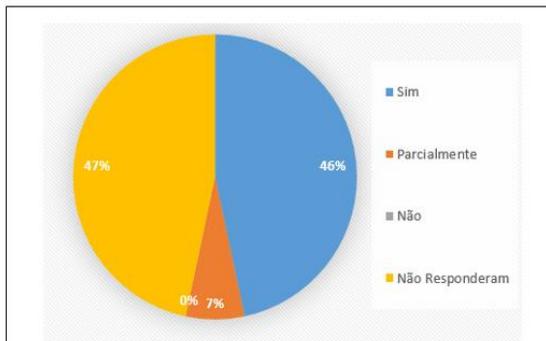
Fonte: Elaborado pela autora (2016)

De acordo com o gráfico acima, 33% dos docentes responderam que o nível de satisfação com a atividade foi ótima, 20% responderam que foi boa e 47% dos docentes não responderam esta pergunta.

O público escolar tem tido uma crescente presença nos museus brasileiros, a exemplo do que ocorre em museus dos países da América latina e cada vez mais os professores de diferentes áreas se interessam por conhecer melhor o espaço museológico, tendo como objetivo principal proporcionar um melhor aproveitamento do conteúdo por seus alunos (MARANDINO, 2001).

## 16 – Os objetivos que você elencou foram alcançados?

Gráfico 13 - Os objetivos que você elencou foram alcançados?



Fonte: Elaborado pela autora (2016)

De acordo com as respostas dos docentes no Gráfico 13, 46% responderam que os objetivos foram alcançados, 7% responderam que o objetivo foi alcançado parcialmente e 47% dos docentes não responderam essa questão.

Os museus são espaços com uma cultura própria, oferecendo aos seus visitantes uma forma de interação com o conhecimento diferente da escolar, proporcionando assim aos alunos, situações impossíveis de serem reproduzidas na escola. O docente ao visitar o museu com seus alunos busca, primeiramente, uma alternativa a prática pedagógica, já que entendem esta instituição como um local alternativo de aprendizagem (MARANDINO, 2001).

## 17 – Quais temáticas ou atividades, você sugere a serem oferecidas em uma próxima ocasião?

- *Os temas foram bem abordados e estão dentro da realidade dos jovens.*  
(Docente A).
- *Sugiro brincadeiras onde haja interação, mais cor e dinamismo nas atividades.* (Docente B).
- *Atividades concretas que possam ser confeccionadas pelas crianças.*  
(Docente i).

- *Mostrar os espaços e alguns elementos da história de Lages e falar sobre a importância de guardar e conhecer objetos antigos.* (Docente J).
- *A história dos museus.* (Docente O).

De acordo com as respostas dos docentes que acompanharam suas turmas na visita do Museu Thiago de Castro alguns docentes sugeriram atividades com mais interação e dinamismo onde as crianças possam participar ativamente, além de mostrar a história de Lages e sobre a importância de guardar objetos antigos.

Podemos afirmar que as diferenças entre a escola e o museu e a relação do aluno com o conhecimento e com os demais sujeitos neste ambiente museal são distintos, o que evidencia para rotinas particulares de produção e aquisição do saber. A reação entre museu e a escola não é de continuidade. Há, contudo a necessidade de formar docentes capacitados em realizar trabalhos relatando a relação museu e escola, ampliando com isso suas atividades pedagógicas não-formais.

Segundo a pesquisa concluímos que durante a 13<sup>a</sup> Semana dos Museus realizada nas dependências do Museu Thiago de Castro em Lages/SC em 2015 a maior parte dos visitantes do museu Danilo Thiago de Castro foram docentes e alunos que procuraram visitar o museu mais como um complemento da escolar. Assim o museu procurou oferecer através de seus eventos e programas, material de apoio, palestras e visitas monitoradas.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização do presente trabalho observou-se a importância dos museus e das escolas como espaços sociais possuidores de histórias, linguagens e propostas educativas e pedagógicas próprias. São espaços que se interagem e ambos se completam e são indispensáveis para formação do cidadão alfabetizado.

Percebeu-se a importância de reforçar e compreender os processos de construção do conhecimento que ocorrem nos museus. Além disso, há a necessidade de um maior investimento na formação de docentes, para que eles possam perceber as funções pedagógicas das escolas e dos museus, pois a riqueza dessas experiências se dá quando os alunos passam a vivenciar diferentes formas de interação com o conhecimento.

As informações obtidas através do questionário foram os principais elementos para o resultado da pesquisa. Após a definição do público alvo procurou-se a coordenadora do museu Thiago de Castro a Sr<sup>a</sup> Carla de Souza para pedir o consentimento da mesma e a utilização do material, ou seja, do questionário aplicado pelo museu aos docentes na 13<sup>a</sup> semana nacional de museus que aconteceu de 18 a 24 de maio de 2015.

Os quatorze docentes que preencheram os questionários não eram de nenhuma disciplina específica. Essa participação consistiu no preenchimento de um questionário composto de 17 perguntas abertas e fechadas. As informações conseguidas através do questionário foram os principais elementos para o desenvolvimento dos gráficos e tabelas e da análise dos dados.

Após a análise dos resultados pode-se concluir que os docentes, acreditam na importância do museu na aprendizagem de seus estudantes. Isso vai de encontro às afirmações feitas por Marandino (2001). A autora ressalta que, cada vez mais os docentes de diferentes disciplinas se interessam por conhecer os museus, tendo como objetivo proporcionar um melhor aproveitamento do espaço museal.

Nas análises dos dados observa-se que os docentes trabalham os conteúdos vistos no museu em sala de aula, Pois os museus são espaços com uma cultura própria, e oferece aos alunos uma forma de interação com o conhecimento diferente da

escolar, proporcionando assim aos alunos, situações impossíveis de serem reproduzidas no ambiente escolar.

Percebeu-se que a maior parte os visitantes do museu Thiago de Castro são docentes e alunos que procuram visitar o museu mais como um complemento da escola. Assim o museu procura oferecer em de seus eventos e programas, material de apoio, palestras e visitas monitoradas. Por fim, conforme a pesquisadora acordou com a responsável pelo museu a Sr<sup>a</sup> Carla de Souza, um exemplar desta pesquisa será doado ao acervo. E ficará a disposição de todos os visitantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. Desafios da relação Museu-Escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 10, p. 50-56, set/dez. 1997.

BETING, Graziella. **Primeiro museu de história do Brasil**. Disponível em: <[www2.uol.com.br](http://www2.uol.com.br)>. Acesso em: 15 jul. 2015.

BIZERRA, Alessandra; MARANDINO, Martha. A concepção de “aprendizagem” nas pesquisas em educação em museus de ciências. In: Encontro Nacional de Pesquisas em Educação em Ciências. **Anais...** Florianópolis, 2009.

BOGOTA. **Museu Nacional de Colombia**. 2016. Disponível em: <<http://www.bogotaturismo.gov.co/museo-nacional-de-colombia>>. Acesso em: 8 jan. 2016.

CANDIDO, Manuelina, Maria Duarte. Disponível em: <[www.academia.edu](http://www.academia.edu)>. Acesso em: 18 jul. 2015.

CHIAROTTI, Tiziano Mamede. **Museu histórico: breve contextualização**, 2010 Disponível em: <[www.museuabc.wordpress.com](http://www.museuabc.wordpress.com)>. Acesso em: 18 jul. 2015.

COELHO, Erica Andreza. **A relação entre museu e escola**. 2009. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Curso de História, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Lorena. 2009.

CORREIO LAGEANO, Núbia Garcia. 20 de mai de 2015.

DA CRUZ, Monalise Pinto. **Interação museu-escola: uma análise da contribuição do ensino não-formal à escola**. 2010. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Ninópolis, 2010.

HEIN, Falcão. Museus de Ciências como Espaços de Educação. In: **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte, Argumentum, p. 165-176, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. 2015. Disponível em: <[www.museus.gov.br](http://www.museus.gov.br)>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MARANDINO, Martha. Interfaces na relação Museu-Escola. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 18, n.1: p.85-100, abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Museus de ciências como espaços de educação. In: **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Argumentum, p. 165-176, 2005.

MUSEU HISTÓRICO THIAGO DE CASTRO. **Caderno**: cidade e educação. Lages, 2012.

\_\_\_\_\_. **Fundador do MHTC**. 2008. Disponível em: <<http://mtclages.blogspot.com.br/search/label/Fundador>>. Acesso em: 20 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Acervo do Museu Histórico Thiago de Castro**. 2008. Disponível em: <<http://mtclages.blogspot.com.br/search/label/2%20ACERVO>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **9ª Primavera dos museus**: museus e memórias indígenas. 2015. Disponível em: <<http://mtclages.blogspot.com.br/search/label/Eventos>>. Acesso em: 21 abr. 2015.

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. O museu da Amazônia 149 anos. 2016. Disponível em: <<http://www.museu-goeldi.br/portal/>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

MUSEUS DO RIO. **Museu Nacional** – UFRJ. 2016. Disponível em:  
<[http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com\\_k2&view=item&id=12:museu-nacional#imagens\\_e\\_video](http://www.museusdorio.com.br/joomla/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:museu-nacional#imagens_e_video)>.  
Acesso em: 10 jan. 2016.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia da pesquisa científica**: guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos. 2. ed. rev. e atual. Alvim Antônio de Oliveira Netto. Florianópolis: Visual Books, 2006.

ROJAS, Roberto; CRESPIÁN, José Luis; TRALLERO, Manuel. **Os museus no mundo**. Trad. Luis Amaral. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil S.A., 1979.

SANDER, Roberto. **O museu na perspectiva da educação não-formal e as tendências políticas para o campo da museologia**. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo. 2006.

SANTOS, Myrian, Sepúlveda. Museus brasileiros e política cultural. **RBCS**, v. 19 n.55. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)>.  
Acesso em: 15 jul. 2015.

SOTO, Alessandra S. C. **O museu como espaço educativo**: uma proposta metodológica para o museu oceanográfico UNIVALI. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

SUANO, Marlene. O que são museus. **Primeiros passos**. Brasiliense, 1986

TAMANINI, Elizabete. **Museu arqueológico de sambaqui**: um olhar necessário. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade Estadual de Campinas.

TAMANINI, Elizabete. Diálogo sem fronteiras – Educação Patrimonial – Parte 1. 2013.

<https://www.youtube.com/watch>

21 de jun de 2013 - Vídeo enviado por CEAv Unicamp

VALENTE, M. E; CAZELLI, S. e ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciência, Saúde**, Manguinhos, v. 12 (Suplementos, p. 183-203, 2005). Disponível em: <[www.scielo.br/pdf](http://www.scielo.br/pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO – TCLE**

Eu \_\_\_\_\_, portador(a)  
da Carteira de Identidade, RG \_\_\_\_\_, nascido(a) em  
\_\_/\_\_/\_\_\_\_, Coordenadora responsável pelo museu Danilo  
Thiago de Castro, autorizo a pesquisadora Fabíola Letícia  
Sommer a utilizar os dados obtidos pelo museu, bem como  
visitar, fotografar e registrar as atividades realizadas.

---

Assinatura  
Carla de Souza

Fabíola Letícia Sommer  
Rua: Dos Canários N 40  
Bairro: Pedra Branca-Palhoça/SC  
Telefone: 48/91116545  
48/99075663  
Email: fabisommer10@gmail.com

---

Nome e assinatura do pesquisador

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO – DOCENTES

Nome do professor:		Data: __/__/____
Telefone/Contato:	E-mail professor:	
Nome da Escola:	Nº de série: alunos	
Telefone/Contato:	E-mail escola:	
( )Municipal ( )Estadual ( ) Particular	Cidade:	
Atividades realizadas no Museu Thiago de Castro Durante a 10ª semana MTC:		
1ª visita do professor ao museu? ( ) Sim ( ) Não	Já acompanhou grupos ao museu? ( ) Sim ( ) Não	
Quais as suas considerações em relação ao nosso atendimento? ( ) Excelente ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim Sugestões:		
Qual a sua avaliação referente às atividades que o Museu Thiago de Castro proporcionou aos seus alunos? ( ) Excelente ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim Sugestões:		
Considerando a circular explicativa, o procedimento de inscrição, tabela de programação e folheteria, a seu ver, as informações foram satisfatórias? Esta documentação chegou ate você? Sugestões:		
Enquanto professor houve visitação de sua parte ao Museu Thiago de Castro antes da visita coletiva com seus estudantes? Porque?		
Após a visita, voce realizará algum tipo de atividade em sala de aula, relacionada ao tema proposto na atividade desenvolvida no Museu? ( ) Sim ( ) Não. Se a resposta for positiva, de exemplos destas atividades:		

